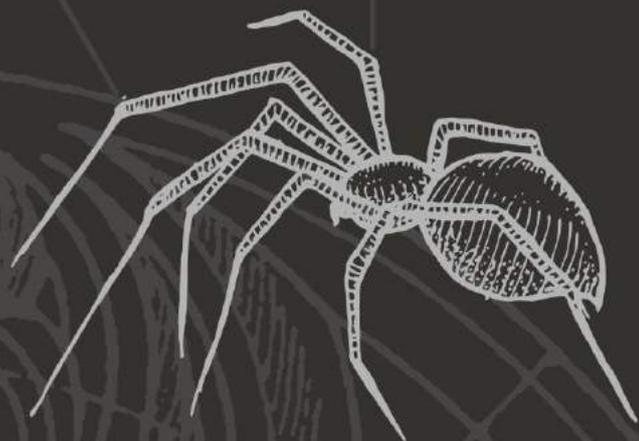


# HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

**VII**

contos e poemas de terror

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR



SELO CONEXÃO LITERATURA

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068**

**2022**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

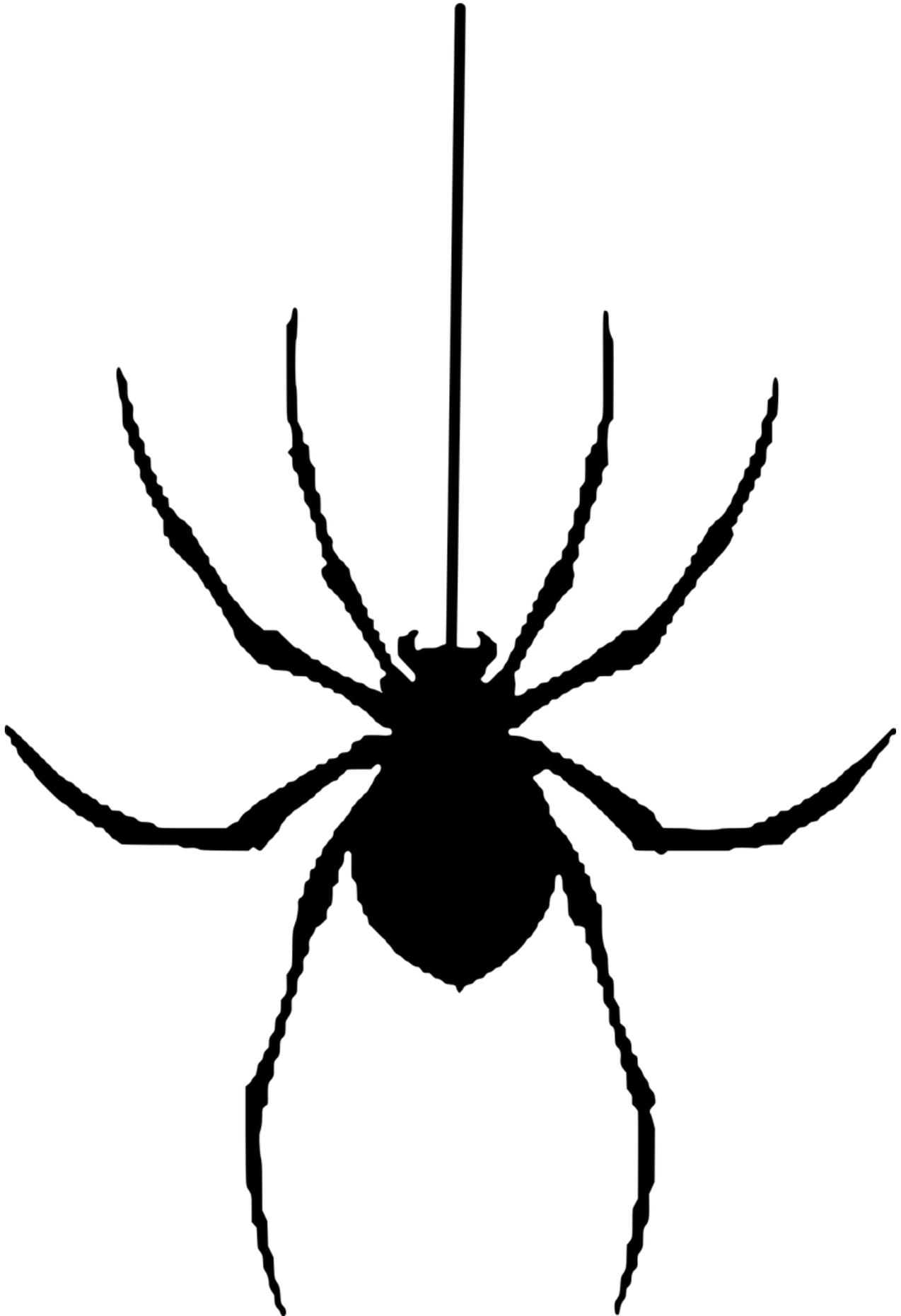
# SUMÁRIO

clique sobre o título do conto ou poema

- DIA DE CAMINHADA, POR CARLA CRISTINA PASSOS CRUZ, PÁG. 05  
MAIS UMA VEZ ELA HAVIA CONSUMIDO TUDO AO REDOR, POR CARLA X. NERY, PÁG. 08  
MENINO QUE SE PERDEU NO ESCURO, POR CARLA X. NERY, PÁG. 10  
SHHHH, POR CARLA X. NERY, PÁG. 14  
AS ÚLTIMAS AMIGAS, POR CIÇA RIBEIRO, PÁG. 17  
ASAS NOTURNAS, POR FELIPE L. CAVALCANTE, PÁG. 23  
A BELA EM NOITE DE CAÇA, POR FELIPE ALANDT SIMM, PÁG. 29  
CUIDADO COM O QUE DESEJA!, POR ÍCARO URIEL BRITO FRANÇA, PÁG. 33  
ESTRADA DOS MALDITOS, POR JORGE BHERON ROCHA, PÁG. 39  
A LENDA DAS PEDRAS DE ITAGUAÇU, POR LUCANO DA BÉTICA, PÁG. 42  
BRUXARIA E MALEDICÊNCIA, POR LUCANO DA BÉTICA, PÁG. 46  
BEIJO DE UM VAMPIRO, POR NATÁLIA FRANCO, PÁG. 49  
NUNCA MAIS CONSEGUI, POR NATÁLIA FRANCO, PÁG. 51  
AQUELE QUE ASSOMBRA, AQUELE QUE CAÇA E AQUELE QUE DEVORA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 53  
O AMANTE DA JURO-GUMO, POR NEY ALENCAR, PÁG. 57  
HEREGE, POR PAULO DE BARROS GABRIEL, PÁG. 62  
UMA SEGUNDA CHANCE, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 67  
MUDANÇAS, POR SAMUEL MACÊDO VIEIRA DE MELLO, PÁG. 76  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 82



VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)





*Apresentamos o conto*  
**DIA DE CAMINHADA**

*Por Carla Cristina Passos Cruz*

**SOBRE A AUTORA: DOUTORANDA E MESTRA EM CIÊNCIAS COMPUTACIONAIS PELA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ); BACHARELADO EM ESTATÍSTICA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF); PESQUISADORA VOLUNTÁRIA DO LABORATÓRIO DE SIMULAÇÕES E CENÁRIOS (LSC), DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL (EGN); POETISA AMADORA.**

**E**ra mais um dia de Sol, mas de forma inexplicável. Aquele parecia único e esplendorosamente magnífico. Como estava em casa, de folga, resolvi fazer uma caminhada — como há muitos anos não fazia por causa da vida corrida. Confesso que relutei um pouco.

— Deve estar tão quente lá fora, vale a pena? — disse para mim mesma. Mas não sei o porquê, algo internamente me puxava para sair de casa.

Abri o guarda-roupa, peguei uma camiseta e bermuda bem confortáveis; na gaveta catei a primeira meia que vi; por fim o tênis. Olhei-me no espelho, penteei os cabelos (fazendo um rabo-de-cavalo), peguei as chaves, documentos e saí. Como queria andar sem compromisso, não levei celular.

De fato, o céu estava lindo, como nunca havia visto antes! Sem nuvens, bem azul. E o ambiente, a atmosfera ao redor estavam — inexplicavelmente — amistosas. Comecei minha caminhada. Logo no início, encontrei com seu José, morador antigo do bairro (e ex-dono de uma barraquinha que vendia doces na esquina). Falamos por algum tempo e nos despedimos.

Passado mais algum tempo na caminhada encontrei Dona Margô, que também há muito tempo não via. Conversamos brevemente e nos despedimos. Quase que em sequência, avistei mais três pessoas conhecidas do outro lado da rua, as quais fiz um pequeno aceno e continuei meu caminho.

Passado um tempo tive a sensação de *déjà vu*, pois o caminho que fazia era reto, ou seja, iria até um ponto e voltaria. Mas ainda não havia feito o retorno, e dei de cara novamente com seu José. E desta vez, ele me olhava fixamente. Apenas acenei com a cabeça, de forma cordial, mas ele nem piscou. De forma instintiva, comecei a andar um pouco mais rápido.

Logo em seguida, Dona Margô estava parada encarando-me. Meu coração acelerou e comecei a correr. Olhei para trás e, Seu José, Dona Margô e os outros três conhecidos que avistei do outro lado da rua estavam correndo atrás de mim. Confusa, sem entender nada, continuei a correr. Não sabia onde estava.

— Será que faço o caminho de volta? — pensei. Porém, tomei a decisão de continuar correndo. Fui, sem olhar para trás, sem olhar mais nada ao redor, apenas seguindo em frente.

No entanto, minhas pernas começaram a dar sinais de cansaço. Sedentária como sou, estava correndo há não sei quanto tempo. Parei um pouco para tomar ar. Péssima

ideia. Os cinco estavam atrás de mim, me encarando, como se fossem zumbis. Minhas pernas tremiam, meu corpo gelou. “Como chegaram ali tão rápido?” — pensei. A única alternativa seria continuar a correr. Foi isso que fiz.

Corri ainda com mais velocidade, dando de cara com um muro. Sem ter muito o que fazer tentei escalá-lo. Consegui. Sentei brevemente, porque estava cansada e não aguentava mais o esforço feito por mim. Viro a cabeça: os cinco também estavam subindo o muro!

Olho para o outro lado do muro e, se eu pulasse: ou me machucaria inteira ou morreria — alto demais, poderia ser fatal. Entretanto, naquela altura do campeonato, não me restava outra alternativa.

Respirei fundo, fechei os olhos e pulei, sem olhar para trás. O estranho é que, cada vez mais se ouvia um barulhinho ao fundo. Abri meus olhos e estava quase tocando ao chão.

— Vou morrer” — pensei, pois ia cair de cara. Toquei o solo. Imediatamente pulei da cama, com o coração acelerado. Tentei parar de tremer com o susto, ao mesmo tempo em que desligava o despertador e seu barulho irritante. “Mais um dia de trabalho depois um pesadelo tão real” — falei em voz alta. Fazer o quê? Lá vamos nós.



*Apresentamos o poema*

# **MAIS UMA VEZ ELA HAVIA CONSUMIDO TUDO AO REDOR**

*Por Carla x. Nery*

**SOBRE A AUTORA: CARLA X. NERY É COMUNICÓLOGA POR FORMAÇÃO E PÓS GRADUADA EM DIREÇÃO DE ARTE. ATUALMENTE TRABALHA COM DIREÇÃO DE ARTE PARA CENÁRIO, OBJETO E FIGURINO; É ROTEIRISTA PARA AUDIOVISUAL E TEATRO. PANSEXUAL, NEURODIVERGENTE E PESQUISADORA AMADORA. ESCREVE POEMAS, CONTOS E HISTÓRIAS INFANTIS POR DIVERSÃO. TEXTOS CARINHOSOS COM GOSTO DE CHÁS QUENTES E BISCOITOS AMANTEIGADOS, E TEXTOS DE HORROR, COMO CALAFRIOS DESAGRADÁVEIS NA ESPINHA. UM GOSTO ENTRE DETALHES E TALVEZ EXTREMOS.**

Os monstros em baixo da cama  
se encolheram  
de medo

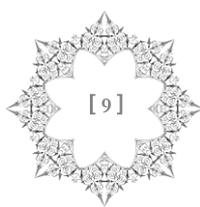
As figuras sinistras  
nos cantos mal iluminados  
voltaram para as sombras  
tentando desaparecer

Todas as entidades  
perceberam que o fedor podre  
do desespero que as atraíram ali  
havia sido um erro

Aquela loucura era demais para eles

Eles rezaram  
para qualquer coisa  
que fosse capaz de resgata-los

Mas aquela loucura  
era demais para eles  
Mais uma vez ela havia consumido tudo ao redor



*Apresentamos o poema*

# **MENINO QUE SE PERDEU NO ESCURO**

*Por Carla x. Nery*

**SOBRE A AUTORA: CARLA X. NERY É COMUNICÓLOGA POR FORMAÇÃO E PÓS GRADUADA EM DIREÇÃO DE ARTE. ATUALMENTE TRABALHA COM DIREÇÃO DE ARTE PARA CENÁRIO, OBJETO E FIGURINO; É ROTEIRISTA PARA AUDIOVISUAL E TEATRO. PANSEXUAL, NEURODIVERGENTE E PESQUISADORA AMADORA. ESCREVE POEMAS, CONTOS E HISTÓRIAS INFANTIS POR DIVERSÃO. TEXTOS CARINHOSOS COM GOSTO DE CHÁS QUENTES E BISCOITOS AMANTEIGADOS, E TEXTOS DE HORROR, COMO CALAFRIOS DESAGRADÁVEIS NA ESPINHA. UM GOSTO ENTRE DETALHES E TALVEZ EXTREMOS.**

Já falei pequenino? Do conto do menino que se perdeu no escuro?  
Ou era o menino que foi muito fundo  
Além no mar?

Era conto antigo  
Feito como aviso  
Para na noite escura  
a gente lembrar

Quem nunca escutou o grito?  
Antes do sonho se aproximar?

Não sabe?  
Nunca contei?  
Mas que desleixo da minha parte!  
Pois sente-se criança,  
e traz uma luz para acompanhar-te

Conforte-se bem na coberta  
Aqueça-se no chá  
Comprimente o conto que desperta

Foi há muito tempo,  
mas é o tempo todo,  
a história se repete  
como repetimos um erro bobo

Era um menino,  
ingênuo de curioso  
Surdo para conselho,  
orelhudo para alvoroço

Ora ora, que nada de bom podia se vir  
É claro, que o protagonista  
haveria de se trair

Pois foi durante as noites,  
que a penumbra ele avistou  
Vendo uma aventura  
nela se aventurou

Mas chegando lá já era tarde  
Todo o mundo se entardeceu  
o céu que conhecia,  
lá, já não era o seu

Era tão negrume  
tão pixe, tão denso  
que não se via

não se sentia  
sequer o soprar do vento

Foi se acostumando com o nada escuro,  
depois de tempos  
ali perdido nesse mundo  
que as formas ele discerniu

rastejavam gemendo  
se dissipando no escuro em fio

O menino não sabia,  
mas há muito ele já não via,  
era cego  
havia tanto

As formas? Era a morte  
que se arrastava no tempo

O menino percebeu então o que não via  
que sentia o medo personificado ao redor  
Gritou desesperado  
ao entender que estava só

Ele agora era parte da profundidade,  
devorado, corrido por ela  
O que havia de si em vida  
fôra dissolvido em fina teia

Percebeu que estava ali há séculos  
e ali ele continua  
seu grito ainda ecoa  
é no cansaço que se o escuta

Quando o sono for leva-lo  
preste atenção ao escuro

Quando sentir arrepio sem razão  
não é o vento,  
é apenas som  
de um grito agudo



*Apresentamos o poema*

**SHHHH**

*Por Carla x. Nery*

**SOBRE A AUTORA: CARLA X. NERY É COMUNICÓLOGA POR FORMAÇÃO E PÓS GRADUADA EM DIREÇÃO DE ARTE. ATUALMENTE TRABALHA COM DIREÇÃO DE ARTE PARA CENÁRIO, OBJETO E FIGURINO; É ROTEIRISTA PARA AUDIOVISUAL E TEATRO. PANSEXUAL, NEURODIVERGENTE E PESQUISADORA AMADORA. ESCREVE POEMAS, CONTOS E HISTÓRIAS INFANTIS POR DIVERSÃO. TEXTOS CARINHOSOS COM GOSTO DE CHÁS QUENTES E BISCOITOS AMANTEIGADOS, E TEXTOS DE HORROR, COMO CALAFRIOS DESAGRADÁVEIS NA ESPINHA. UM GOSTO ENTRE DETALHES E TALVEZ EXTREMOS.**

havia uma sensação estranha  
de esquecimento no ar  
era uma dor sem foco

mas ela não conseguia,  
ao certo, se lembrar

entre rangidos, ela percebeu,  
que não sabia aonde estava  
tudo era tão difícil de fazer sentido

uma sobra gentil  
pousou garras macias no seu corpo  
“shhh”

a sombra sussurrou  
num tom cálido  
que parecia,  
de alguma forma, errado

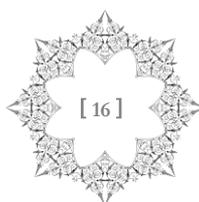
era uma figura de plástico vazio  
com um sorriso frio  
olhos de vidro  
vidrados

“shhhhhh” a figura repetiu  
“quietinha agora,  
não tem porque se esforçar tanto”

ela se sentia tão cansada  
era difícil reagir

se mexer era doloroso  
sua cabeça latejava

sem foco, sem pensar direito  
ela se deitou  
envelopada pela figura fria  
cheia de esquecimento





*Apresentamos o conto*  
**AS ÚLTIMAS AMIGAS**

*Por Cica Ribeiro*

**SOBRE A AUTORA: BACHAREL EM DIREITO, É AUTORA DE LIVROS INFANTOJUVENIS, CONTISTA, ROMANCISTA, POETA, ANTOLOGISTA. MEMBRO DE ACADEMIAS LITERÁRIAS. AUTORA DE 18 OBRAS INFANTO-JUVENIS: TRÊS EM FORMATO FÍSICO, AS PONTES MÁGICAS DE CLEMENTINA E UMA EXPERIÊNCIA DIFERENTE, LANÇADOS DE FORMA INDEPENDENTE PELO SELO EPN EDITORIA E PROJETOS, E THE MAGICAL BRIDGES OF CLEMENTINE, PUBLICADO PELA UNDERLINE PUBLISHING, E DEZESSEIS OBRAS EM FORMATO DE E-BOOKS PUBLICADOS NA PLATAFORMA DA AMAZON.COM.BR. COAUTORA DE DIVERSAS COLETÂNEAS E ANTOLOGIAS POÉTICAS. COORGANIZADORA DA COLETÂNEA MEUS AMIGOS IMAGINÁRIOS (2022) PELA EHS EDIÇÕES. TOP 5 NO PRÊMIO DESTAQUES LITERÁRIOS NO FOCUS BRASIL 2021 NA CATEGORIA INFANTOJUVENIL. CONCORREU AO PRÊMIO SESC DE LITERATURA DE 2021 NA CATEGORIA ROMANCE. POSSUI LIVRO DIGITAL NA PLATAFORMA GOOGLE PLAY, TIKA BOOKS: UMA EXPERIÊNCIA DIFERENTE, COMO TAMBÉM VÁRIOS CONTOS E POEMAS PUBLICADOS NA REVISTA CONEXÕES LITERATURA. POSSUI OS POEMAS, NOITES DE MEDO E CONVERSAS NOTURNAS, PELO PODCAST O PRAZER DE LER DE OSCAR GARCIA.**

Os aposentos não eram lá essas coisas, mas a Clínica de Repouso permanecia aberta desde a morte da família que lá habitara — a casa fora transformada em abrigo de idosos assim que uma tragédia de proporções macabras se abateu sobre os antigos moradores. O casal, uma filha de 6 anos e seu irmão de 4 anos de idade desapareceram de maneira misteriosa em plena luz do dia. A empregada recém-contratada nada viu.

Nos tempos atuais a porta de entrada da casa não podia ser aberta por ninguém antes que os alarmes do portão da rua não estivessem acionados. Um sistema eletrônico impedia a abertura de qualquer porta externa da clínica, caso alguém propositalmente ou por mero descuido não o acionasse. Grande incômodo, já que a entrada de carros — fossem de entregadores de mantimentos, de remédios ou mesmo dos médicos, dos fisioterapeutas, entre tantos que participavam do dia a dia da clínica — era constante.

As vidraças também não tinham vida autônoma, assim como os idosos que lá viviam. Permaneciam fechadas e só eram abertas sob o comando da chave mestra do portão da rua. As grades, que cobriam todas as vidraças da casa, eram exageradamente rebuscadas por ferros retorcidos: corpos deformados cujos punhos portavam algemas emaranhadas era o design da ferragem. Espaço para a entrada da luz do dia? Nenhum! Muitas vezes as vidraças nem sequer eram abertas. O aroma putreficado do interior da casa era proveniente das fraldas repletas de urina e fezes daqueles que não mais comandavam suas vidas, tampouco seu próprio corpo.

No caso dos idosos, as suas vidas eram comandadas pela senhora Ilka, uma senhora de descendência húngara — que imigrara aos 23 anos de idade, recém-casada com um jovem húngaro. Viúva e não tão idosa a ponto de ocupar um dos quartos da clínica com seu corpo que um dia certamente definharia, caso não sucumbisse antes, acometida por alguma doença que lhe tirasse a vida, a senhora Ilka perambulava dia e noite entre os corredores e cantos da clínica em busca da primazia e total controle da gestão do empreendimento. Os cuidadores a respeitavam como sendo o símbolo do poder supremo da casa ou de algum ser mais grandioso. Temiam perder seus cargos caso deslizes ocorressem.

Há três décadas a senhora Ilka assim vivia, entretida nos afazeres diuturnos. Tudo transcorria normalmente até que três senhoras idosas, amigas desde sempre — com certeza passavam dos noventa anos de idade —, foram trazidas por vizinhos que moravam

no mesmo edifício. Ao perceberem o total abandono ao qual foram subjugadas, uniram-se e custearam a permanência das três na clínica de repouso. As Últimas Amigas, assim as denominavam. Certamente não imaginavam que elas pudessem fazer novas amizades, tendo em vista o aparente sinal de senilidade que demonstravam.

A senhora Ilka as acolheu com a gentileza contumaz, de boa gestora que era. Sempre que novos moradores chegavam, seu semblante reluzia como cédulas “no caixa” enquanto dizia palavras de conforto e boa acolhida. Nessa manhã o fato se repetiu:

— Sejam bem-vindas, meninas! Tenho certeza de que serão muito felizes aqui. Caso necessitem de algo, não hesitem em me chamar. Meu nome é Ilka e fico feliz em tê-las conosco. Gostei muito dos seus nomes: Vera, Maria e Luciana — finalizou a senhora Ilka.

— Nós que agradecemos, não é mesmo, amigas? — Disse Vera mexendo a cabeça lentamente, sem antes lançar seu olhar turvo e cansado em direção às vidraças que circundavam o salão da clínica.

— Isso mesmo, Dona Ilka! Estamos bem velhas, mas adoramos viver e estar juntas nos mantém jovens — disse Marília com leve sorriso dissimulado no rosto, desconfiada que era.

— Dona Ilka, diga a verdade! Acredita que temos noventa anos? — Concluiu Luciana em tom inquisitivo.

— Nem de longe eu adivinharia. Meninas, vocês estão ótimas! Parabéns! — concluiu a senhora Ilka.

Várias semanas passaram. As noites na casa de repouso eram sombrias. A escuridão não advinha do céu noturno apenas, mas da esparsa iluminação dos corredores, salas e dependências da antiga casa. Os poucos lustres dispostos no teto dos ambientes continham lâmpadas de pouquíssima voltagem. Gemidos tétricos permeavam a escuridão. Idosos suplicavam por clemência: — Morte! Onde você está que não vem ao nosso encontro! Tenha piedade, não suportamos mais...

Assustadas, as amigas esperavam uma resposta, por tantas e mais tantas noites...

Além disso, algo que as inquietava profundamente. O quarto que ocupavam era o quarto da casa que o casal da família com dois filhos habitara anos atrás. O assoalho era

de madeira e cobria todo o chão de forma uniforme. A cama de casal ficava bem no centro do quarto. Duas camas de solteiro foram colocadas ao lado dela. Dessa forma foi possível permanecerem juntas no mesmo quarto e próximas umas das outras. A mesa redonda acomodava uma jarra de água fresca e três copos. Um guarda-roupa de quatro portas em madeira imbuia ocupava a parede lateral. Por algum motivo as amigas não haviam aberto suas portas. Seus pertences permaneciam nas pequenas malas que carregavam as poucas roupas que precisavam na velhice. Logo na primeira noite, minutos após terem deitado e ainda sentindo o desconforto da nova morada, as três amigas sentiram tremores intermitentes chacoalharem as camas. O intervalo durava o tempo de um respiro, antes que pudessem sufocar de medo. E, logo em seguida, um novo tremor. O suor escorria pela testa de Vera. De repente, manchas em formatos de corpos desfigurados se arrastaram pelo ar. O som de súplicas era ouvido nitidamente. Suplicavam vingança. Luciana, como quem espantasse possíveis males, gargalhou, desdenhando qualquer um deles. Pouco tempo durou essa tentativa, até que seu rosto contorceu ao redor de seu pescoço sem que ela sentisse nada. Maria, aos gritos e juntamente com o som macabro que encobria seu sentido, gritou:

— Luciana! O que é isso pelo seu rosto?

— Isso o quê, Maria?

— Pintas ou furos em seu rosto — concluiu Maria.

Em instantes Luciana levou as mãos no rosto. Ao sentir cavidades profundas em toda a face, ela abandonou os lençóis emaranhados e tentou abrir a porta do quarto. Fugir daquele inferno e levar suas amigas junto seria a única chance de escaparem. Junto à porta, tentou abri-la. Nesse instante, Vera acendeu a luz. O tímido clarão permitiu que elas vasculhassem o quarto à procura de respostas.

— Maria, não há nada de errado no meu rosto. Isso é fruto de sua imaginação — disse Luciana, em tom respeitoso.

Mas a segunda, a terceira, a quarta e todas as outras noites foram iguais.

Na noite fatídica, uma tempestade atravessava o céu. As árvores que circundavam a casa raspavam os galhos nos ferros das vidraças, movidos pelo forte vento que soprava de várias direções. Murmúrios, sussurros alucinantes entre gemidos intensos — não

aqueles que vinham em forma de súplica das gargantas secas dos idosos que habitavam a clínica de repouso e, sim, sons guturais que transpassavam os ferros contorcidos em forma de corpos algemados.

— Vera, você ouviu o que eu ouvi? — Perguntou Maria assustada, escondida embaixo das cobertas, contorcida e sentindo amarras pelo corpo todo.

— Maria, os gemidos vêm da vidraça e se escondem no armário. Você não acha, Luciana? São almas penadas. Clamam por ajuda. Por que nós? Seriam elas nossas novas amigas? — Indagou Vera, pressupondo o pior.

— Vou abrir esse armário, agora. Basta! — Concluiu Luciana tentando calçar seus chinelos.

Nesse instante, passos firmes pararam à frente da porta do quarto. Um murro irrompeu a porta e o som da voz que adentrou o quarto se misturou aos chamados que escapavam do armário.

— Mulheres, vocês estão acordadas? Como pode? — Perguntou a voz de uma sombra de tamanho descomunal que se projetara à frente do armário. Uma criatura de costas gigantescas ocupava o quarto inalando todo o ar do recinto. A aparente falta de oxigênio provocou forte mal-estar entre as amigas. Nesse momento, a figura de asas enormes foi projetada na parede oposta. Saíam das costas da tal criatura. A cabeça acima dos ombros largos carregava olhos obscuros — olhos idênticos aos da senhora Ilka.

— O que é você, mulher das trevas? Volte! Seja lá de onde veio! — Exclamou Maria, ansiosa pela abertura das portas do armário.

— Maria, minha querida, não vejo razão por você estar assim tão ansiosa. Acho melhor que você e por que não vocês, Luciana e Maria, tomem essas cápsulas que farão com que tenham um sono profundo e restaurador — disse a criatura ao mesmo tempo em que abria um frasco de remédio e caminhava em direção à mesa para encher os copos com a água da jarra que todas as noites era deixada ali.

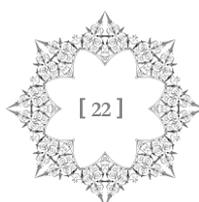
— Não pense que somos drogadas. Gostamos sim de um calmante, afinal, graças a eles tanto suportamos durante nossas vidas. Aqueles filhos e filhas da p... que nos abandonaram... Como pode? — Maria refletiu em voz alta em tom de desconfiança. Sempre temera ser envenenada.

— Alto lá, amiga! Filhos e filhas da p... não, afinal, todas nós fomos ótimas mães... até que se prove o contrário. Eles seguiram suas vidas e nós, as nossas. Esqueceram-se de nós? Sim, isso é certo — retorquiu Vera aturdida com o passado e lembranças cruéis.

— Meninas! Sabem das regras da casa. E, ademais, o que você, Luciana, está fazendo em frente ao armário? — Perguntou a criatura que, nesse momento, falava exatamente como a senhora Ilka.

Nesse preciso instante, Luciana lançou seu corpo franzino e agarrou o puxador da porta do armário. Assim que as portas se abriram, espectros cobriram o espaço do quarto e gritos dos outrora ocupantes da casa foram ouvidos por todos. Os gemidos e súplicas dos idosos misturavam-se aos sons dos espectros, que finalmente se vingariam da criatura que os matara em noite macabra para roubar joias e bens valiosos, não poupando nenhum deles. Em segundos, um véu funesto e perpétuo se estendeu sob a criatura alada. O crime insolúvel, por ter sido muito bem premeditado pela senhora Ilka, quando ainda jovem e precocemente viúva de seu belo marido, havia sido elucidado, ao menos aos olhos dos mais prudentes e aos das três últimas amigas.

Revisão: Tainah Paula Franghieru



*Apresentamos o conto*

# **ASAS NOTURNAS**

*Por Felipe L. Cavalcante*

**SOBRE O AUTOR: ESCRITOR E POETA DE CONTOS DE FANTASIA E TERROR, NASCIDO EM MANAUS/AM, FORMADO EM LETRAS - LITERATURA PORTUGUESA, REDATOR CHEFE DO SITE CO-OP GEEKS, REDATOR-ASSISTENTE DA REVISTA ÉGUA LITERÁRIA, AUTOR DO CONTO A DAMA NO BOSQUE PELA NEWSLETTER FAÍSCA MAFAGAFO E DAS ANTOLOGIAS SINOS POR TODO LUGAR, MONSTROS E PESADELOS E NOITES SEM FIM, FÃ DE TOLKIEN, POE, STEPHEN KING E NEIL GAIMAN, MAS TAMBÉM DE AUTORES NACIONAIS COMO ASTRID CABRAL, JAN SANTOS E FELIPE CASTILHO.**

**A** memória é uma coisa estranha, misteriosa, feita de retalhos. Talvez exista alguém que consiga ter uma memória que seja como um filme se desenrolando de uma fita cassete.

Eu não sou assim, lembro apenas de retalhos e tento costurá-los da melhor maneira possível.

Recontar memórias nem sempre é como um filme de uma fita cassete, em que você assiste o começo, o meio e o satisfatório fim. Memórias nem sempre terminam de maneiras satisfatórias.

E quando as recontamos, muitas vezes percebemos que nem sempre possuem uma explicação lógica. Apenas permanecem conosco sendo o que são, insatisfatórias. Sem explicação.

Quando eu era pequeno sempre tinha lugares que eu acreditava que eram assombrados.

Eu acreditava que as velhas casas da vizinhança e os apartamentos vazios no meu prédio deviam abrigar fantasmas e esses lugares me assustavam.

Minha solução era evitá-los. Até mesmo evitar olhar para eles quando atravessava a rua ou precisava subir as escadas externas do prédio até o andar em que vivíamos.

Ainda assim, eu nunca tinha visto uma assombração.

Meus amigos tinham histórias assustadoras sobre ver vultos em branco, sobre invadir cemitérios ou mãos apodrecidas nas paredes, e eu não.

Nunca tive uma história de assombração.

Pelo menos até um dia, em que fiz quinze anos.

Passamos o final de semana na praia, eu e meus pais, pois naquela época a família tinha uma casa no litoral.

Existem duas estradas que ligam a cidade em que moro ao litoral, uma que sempre estava congestionada e oferecia apenas calor, estresse e uma espera de mais de quatro horas dentro de um carro e a segunda estrada, que era muito visitada durante o dia, pois cortava um lindo pedaço de floresta de um lado e do outro dava para uma bela vista do mar.

Além disso, pela extensão desse trecho de estrada, quiosques com guarda-sóis coloridos, barracas com banquinhos de pedra onde poderia se comprar petiscos e guloseimas e churrasqueiras públicas coalhavam o caminho durante a parte da manhã.

Naquela época eu namorava uma garota que morava perto da casa de praia em que ficávamos.

O nome dela era Raquel, ela era loira, os olhos verdes e o rosto cheio de sardas.

Ansiava por vê-la nas vezes em que íamos para a praia.

Nos conhecemos numa fila para comprar sorvete, e ela engatou conversa comigo, enquanto esperávamos por duas casquinhas de morango e chocolate.

Não faço ideia do que ela viu em mim, porque eu era muito magro, baixo e tímido, mas depois de escapar para um canto da praia e que sentamos nas pedras, olhando o mar, ela se aproximou de mim e então eu a beijei.

Desde então tive bons motivos para voltar para a casa de praia.

Quando chegamos nos dirigimos para onde queríamos.

Minha mãe deitou numa espreguiçadeira com óculos de sol cobrindo os seus olhos e meu pai abriu uma lata de cerveja, enquanto ajeitava carne e hambúrgueres na churrasqueira para o almoço.

E eu fui encontrar Raquel.

Ela estava com um vestido verde que refulgia ao sol e destacava sua pele sardenta. Achava-a linda, me lembro muito bem disso.

Demos as mãos e percorremos a praia, descalços, deixando uma trilha de pegadas no caminho da areia molhada.

Depois de virarmos um trecho em que pedras se destacavam, começamos a subir por uma parte de mata.

No chão, ali onde começava a crescer a relva desordenada, latinhas velhas e amassadas, garrafas vazias e pacotes rasgados de camisinha coalhavam o caminho.

Andamos mais um pouco, tomando cuidado e finalmente chegamos até uma parte em que os galhos das árvores formavam uma sombra.

Me aproximei de Raquel. Queria beijá-la, abraçá-la, e, aproveitando que estávamos sozinhos, me atrever a fazer bem mais.

Encostamos nossos lábios, nossas línguas se enrolavam.

Não me lembro exatamente por qual motivo paramos, mas tenho certeza de que foi ali que Raquel olhou para algo atrás de mim.

Ela gritou. Me virei de imediato para ver o que ela apontava.

Uma ave levantava voo de um galho de árvore levando um bicho morto preso em seu bico, passando bem acima de nós com um rasante e sumindo no céu.

Raquel se agarrou em mim, apertando meu braço com uma das mãos e protegendo a cabeça com a outra.

Eu não consegui me assustar com o animal. Mal deu tempo para notá-lo.

Um susto e apenas isso. Tinha sido apenas um susto.

Imaginei a ave arrastando sua presa para longe e sumindo com ela.

Nos afastamos dali e rimos, mas apenas isso. Esquecemos do que aconteceu. Passei o resto da tarde com Raquel nos meus braços.

O pôr do sol chegou e tivemos que ir embora.

Meu pai tinha dormido no quarto da casa de praia e minha mãe estava com a pele bem avermelhada.

Me despedi de Raquel e entrei no carro.

A luz alaranjada começava a desaparecer por trás da linha do horizonte, como se estivesse sendo tragada pelo oceano e deixando no lugar apenas o azul-anil da noite.

Seguimos pela mesma estrada, voltando pelo caminho que fizemos mais cedo.

Naquele trecho da estrada passamos por trechos irregulares de luz e escuridão, conforme os postes de luz tornavam-se cada vez mais afastados uns dos outros.

De repente, algo cortou o ar. Um som agudo muito alto que soou pela noite escura.

Tão alto que meu pai diminuiu a velocidade do carro.

— Vocês ouviram isso?

Eu e a minha mãe acenamos positivamente com a cabeça.

Lá fora, nada, apenas a noite.

Abaixei o rádio e abri a janela do passageiro na esperança de ouvir novamente o estranho ruído.

Outro grito, que perfurou a noite como uma agulha, e estendeu-se permanecendo no ar.

O carro freou na estrada. Meu pai e minha mãe se entreolharam.

Um arrepio subiu pela minha espinha. Fechamos as janelas do carro. Silêncio.

— Será que isso é grito de gente?

Mais um momento de silêncio.

Acho que naquele momento eu conseguia ouvir o meu próprio coração batendo no peito.

Um grito agudo e gutural. Inumano.

Olhei para cima. Então, eu vi.

Saindo da copa das árvores e em pé. Estava em pé, como uma pessoa. Tinha até mesmo a altura de uma pessoa. Os olhos refletiam a luz do carro e reluziam amarelos contra o negrume de seu corpo.

Muito acima do carro, uns dez metros de distância. Deu outro grito. Abriu as asas. Enormes e escuras. Saltou.

Deu um rasante e ouvimos o som de algo raspando no teto do carro. Lâminas riscando o metal.

Aquela coisa pisou no capô do carro, então subiu ao ar.

E sumiu na escuridão da noite.

Estava muito assustado. O coração batendo forte no peito e completamente afundado no banco do carona.

Talvez ficamos em silêncio por cerca de cinco minutos, mas cada segundo parecia uma eternidade.

Quebrei o silêncio perguntando.

— O que porra foi aquilo?

Nos olhamos, assustados.

Minha mãe tinha a mão no peito, apertando o coração e os dedos do meu pai estavam brancos apertando o volante.

— Uma coruja? Um morcego?

— Eu... Eu não sei.

A chave girou rapidamente, ligando a ignição do carro. Nenhum de nós realmente queria descobrir o que era aquela coisa.

Lembrei-me do momento em que tinha visto o pássaro levando o bicho morto no bico para muito longe. Levando a sua vítima embora consigo, depois de conseguir agarrá-la. Essa é a última coisa que me recordo daquela noite.

Existem muitas histórias sobre aquela estrada.

Fantasmas na estrada, luzes que saem dos morros e sobem aos céus.

E ainda assim, eu não sei o que foi aquilo.

As memórias nem sempre terminam de forma satisfatória. Falham.

Muitos anos se passaram, e, por causa de uma crise financeira, meus pais eventualmente venderam a nossa casa de praia.

Nunca mais vi Raquel, trocamos cartas durante um tempo e eu costumava ligar para ela e conversar pelo telefone, mas um dia simplesmente outra pessoa atendeu a minha ligação e descobri que ela tinha trocado de número. Depois disso perdemos o contato.

E também não voltei mais para a praia ou aquela estrada em específico.

Me mudei do meu antigo prédio há muitos anos. Moro em um outro apartamento com minha nova namorada, e ainda assim, em algumas noites, quando vou dormir com os braços em torno dela, escuto ruídos. Ouço o barulho de asas e algo como um grito cortando a noite.

Acho que jamais esquecerei aquele momento ou aquela coisa e o som das asas.

Agora eu tenho uma história de fantasma para contar.

E lembrarei dela até o dia em que eu morrer.





*Apresentamos o conto*  
**A BELA EM NOITE DE  
CAÇA**

*Por Felipe Alandt Simm*

**SOBRE O AUTOR: NATURAL DE JOINVILLE, SANTA CATARINA, JÁ TEVE SEUS CONTOS PUBLICADOS EM ALGUMAS ANTOLOGIAS, ENTRE ELAS ZUMBIS: QUEM DISSE QUE ELES ESTÃO MORTOS E UFO: CONTOS NÃO IDENTIFICADOS, ALÉM DE ALGUNS MINICONTOS DE FORMA DIGITAL, COMO NA SAUDOSA TERRORZINE.**

**A** luz do dia aos poucos começa a ceder lugar à penumbra que antecede a escuridão.

Ela desperta aos poucos, sem pressa. Nua envolta em um fino lençol de cetim caminha até a janela, abre as grossas cortinas de veludo sem medo. A noite havia chegado.

Em poucos minutos já se banhava na água quase escaldante de uma antiga banheira. Percebia sem preocupação que sua pele não trazia mais o aspecto jovial de dias atrás. Não seria nada demais, mas ela gostava de manter uma aparência a qual havia se acostumado, aparentando não mais do que tenros dezoito anos. Sentia-se bem daquele jeito e depois de tantos dias sua aparência já não mais lhe dava esse aspecto.

Era hora de sair.

Era hora de caçar.

A noite não poderia estar melhor. As nuvens dançavam no céu ensaiando a tempestade que não demoraria a chegar.

Na madrugada da grande cidade seus olhos procuram por uma nova presa. Nunca foi problema para ela essa tarefa genuína de sua espécie. Em toda sua existência, através de quase três séculos, nunca aprendeu a respeitar os humanos. Simpatizava um pouco com os mais desequilibrados, os instáveis emocionalmente tinham sua graça para ela, mas não demorava para se entediar e perceber o quão patéticos podiam ser aqueles seres de vida tão breve. O sangue que trazem em suas veias, esse sim, era sua única qualidade.

\*\*\*

O grito poderia até ter sido ouvido se não fosse o som do trovão.

O vento frio contorna as esquinas da cidade adormecida enquanto a bela criatura das sombras se entrega ao seu mais delicioso pecado. Na escuridão da noite a chuva cai molhando os seus cabelos ruivos. A água desce devagar pelo seu corpo, parece dançar seguindo o relevo de suas curvas, quando toca o solo, ele sente o seu cheiro.

Caído no chão um jovem de pouco mais de dezessete anos agoniza a seus pés, está com a garganta dilacerada mas insiste em viver. Ela olha para ele parecendo compartilhar do mesmo sofrimento, mas no segundo seguinte apenas sorri. Estava satisfeita. Havia saciado seu desejo através de uma farta dose de seu sangue quente.

Sua maquiagem está borrada. O batom que antes delineava seus lábios se mistura a um outro tom de vermelho, mas ela não se importa, ainda pode sentir o gosto.

Assim como muitos de seus iguais poderia se esconder atrás de sua natureza predadora, usá-la como álibi para as mortes que deixava por onde passava, dizer que era apenas seu instinto e que lutar contra isso seria impossível, mas ela não. Ela adorava o que fazia. Nunca fazia de forma rápida, gostava de aproveitar cada momento e desta vez não seria diferente.

Com o coração batendo forte, agora mais viva do que nunca, ela caminha devagar ao lado de sua mais nova presa. O faz na mesma velocidade que o pobre, sem forças, rastejando tentava fugir. O sangue marcava seu caminho como um bom vinho derramado sobre a mesa, tingindo de vermelho brilhante o asfalto daquele bairro decadente, mas isso por pouco tempo, a chuva logo levaria embora aquele rastro de morte.

Ela continua sorrindo, não o suficiente para mostrar as presas, um sorriso discreto e cheio de malícia. Parecia se divertir tentando adivinhar até onde aquele jovem sem sorte poderia chegar. Apesar de todo o esforço o garoto parece desistir de fugir, mas não de viver, sua respiração está muito fraca e sua pele cada vez mais pálida.

Ainda deitado ele vira seu corpo na velocidade que a dor lhe permite, vê primeiramente um par e botas de salto alto. Próximo de seu rosto uma fina corrente de prata enfeita o tornozelo direito daquela jovem beldade. Ele continua virando seu corpo devagar, segue seu olhar pelas pernas torneadas da garota que sabia mais do que ninguém usar sua beleza. Ela usa minissaia e uma blusa muito justa que através da transparência de seu tecido revela a sensualidade do piercing que trazia no umbigo. O sutiã preto servia para esconder seus seios dos olhares cheios de desejos tanto de homens como de mulheres.

A chuva que caía delicadamente sobre os dois finalmente cessa. Ela continuava de pé com seu olhar indiferente. Mantinha a mão esquerda na cintura e a outra repousava ao lado do corpo segurando uma carteira de cigarro. Tinha uma pequena tatuagem no pulso. Ela se abaixa devagar, seu rosto era lindo, perfeito, seus olhos verdes brilhavam como joias ao refletir a vida que escapava devagar. Sua mão toca o rosto do jovem que chora.

Ele está apaixonado por ela.

Sem controle sobre sua emoção seu coração acelera jogando ainda mais sangue para fora de seu grave ferimento.

Como uma brincadeira perversa, ela enfeitiçou o pobre rapaz nos últimos instantes de sua vida. Sempre usava este poder para manipular as pessoas e conseguir o que queria, mas

ali, com aquele jovem, o fez só por diversão. Seu sofrimento físico não bastava para ela. Ela queria mais. Colocou-se de pé e acendeu sem pressa um cigarro. Deixou que ele a visse pela última vez. Após alguns segundos virou-se sem dizer uma palavra se quer. Começou a caminhar devagar, desviava das poças que decoravam a rua quase como uma criança que brinca de amarelinha até alcançar à calçada e seguir seu caminho.

Não olhou mais para trás.

O som de seu salto tocando o chão em cada novo passo se distanciava dos ouvidos do garoto ensanguentado. Ele estica seu braço na direção do ruído enquanto sua vista começa a escurecer. Ele queria gritar. Mas depois da mordida suas cordas vocais não funcionavam mais.

Aquela bela criatura de pele jovial segue seu caminho. Seus trajes soturnos pouco a protegem do vento gelado enquanto vai embora. Ela segue em frente e antes mesmo de virar a esquina e desaparecer, já dedicava todos os seus pensamentos planejando a próxima noite, esta sem sangue a princípio, talvez uma boate ou coisa parecida. Ele que morria aos poucos sobre o chão molhado e sujo já tinha sido esquecido. Estava sozinho e com medo. Abandonado na escuridão da noite.

Morria com a imagem da bela na memória.

Morria amando a mulher que o matou.



*Apresentamos o conto*  
**CUIDADO COM O QUE  
DESEJA!**

*Por Ícaro Uriel Brito França*

**SOBRE O AUTOR: ESCRITOR, POETA E PESQUISADOR. GRADUADO EM DIREITO PELA FACULDADE DE TALENTOS HUMANOS DE UBERABA (FACTHUS), EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM), EM PEDAGOGIA PELA FACULDADE FUTURA E EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS PELO GRUPO EDUCACIONAL IBRA. MESTRE EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM). PESQUISADOR SOBRE LITERATURA GÓTICA E EXPRESSÕES DO GÓTICO NA ATUALIDADE, ARTE TUMULAR E CAUSOS DE ASSOMBRAÇÕES COMO RESGATE DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CULTURA POPULAR.**

“Nem tudo que é bonito vai te fazer bem quando te tocar.”

(Coco Chanel)

O mundo da moda é realmente impiedoso, implacável. A ideia da busca pela beleza eterna muitas vezes torna-se uma constante para os profissionais deste setor, principalmente a modelos.

Nascida como Sandra, tornou-se Lavínia logo que chegou a São Paulo. Ah, a pauliceia desvairada. Ainda se lembrava bem de ver as luzes da cidade na madrugada. Como era grande, chamativa, estonteante. Naquela chegada, após o desembarque na rodoviária, prometeu a si própria que deixaria Sandra sepultada na pequena cidade interiorana de onde saiu, assim como o restante da família caipira e de pouca instrução d’onde ela originou-se. Recusara-se a seguir a vida de mulheres submissas, como suas ascendentes. Após uma surra de cinta do pai, que a pegara com a cara pintada, com a boca vermelha colorida por papel crepom, olhos escuros por sombra de carvão e talco para clarear o rosto, prometeu a si mesma nunca mais homem algum colocar-lhe-ia cabresto.

Na mesma noite, uma das madrugadas mais frias de junho, surrupiou todo o mirrado soldo do mês que seu pai recebia como caseiro para cuidar daquela fazenda decrépita e embarcou na boleia de um caminhoneiro a quem cedeu favores sexuais, para fugir de um inferno familiar. Foi assim seu primeiro contato sexual. A partir daquele instante jurou que os homens servir-lhe-iam apenas como meio de ascensão.

Em terras paulistanas, a sobrevivência fora sua primeira preocupação. Entre as calçadas da rua Augusta e os inferninhos do entorno, tirava seu sustento. Entre homens asquerosos e brutos, fugia da realidade junto a entorpecentes e alucinógenos. Seu único refúgio eram as poucas revistas de moda que comprava ou encontrava em lixeiras das sarjetas de comércios.

Certa vez, numa noite ruim, de alguns poucos gatos pingados de clientes, sentada na mesa de um botequim de quinta, entre bêbados e viciados num final de madrugada, uma velha senhora, com traços asiáticos adentra ao recinto, carregando uma cesta na mão, contendo alguns origamis, que ela vendia.

A velha parecia já ter uma predileção a Lavínia, indo a caminho de sua mesa, e a interpela:

- Bela menina, aceita um origami e uma previsão?

- Menina?! Kkkk, há tempos não sou mais. Sou da vida, minha senhora. Mas, ela não me domina, nem me enlouquece. Como dizia Nelson Gonçalves, diferente das “senhoras honestas”, que são devoradas por seus escrúpulos, a loucura da prostituta não é regra, mas sim exceção, disse Lavínia buscando filosofar num fim de noite.

Disse a velha:

- Moça, a previsão é gratuita. Quem fala por minha boca é um Oni! Sabe o que é um?

A moça responde:

- Nunca ouvi falar, senhora.

- Um Oni é um ser com poderes sobrenaturais, dos antigos cultos do Japão Feudal, menina. Ele busca mulheres sedentas pelo poder e sucesso na vida, que não medem preço para atingir um objetivo. Este, em especial, era cultuado por concubinas e queixas que buscavam agrados de algum xogum (senhor feudal japonês), na busca pela conquista de ascensão social. Grandes senhoras ao longo dos tempos recorreram ao grande Oni de Nagano. Ele dará tudo que sua dama solicitar, disse a velha.

- Ah vovó, se esses devaneios fossem verdade, trocaria qualquer coisa pela beleza e pelo sucesso dessas top models aqui da revista e não estaria aqui nessa noite fria nesse botequim de quinta entre bêbados e viciados, buscando sustento em cada esquina. Minha alma pela passarela, disse a dama da noite.

- Fácil, menina! Seu desejo é uma ordem; retirando a senhora um anel de seu dedo, verde, todo feito de jade, colocando no dedo de Lavínia.

Disse ainda:

- Essa noite acenda essa vela. Ela possui a chama de Onibi (chama demoníaca), que poderá trazer o Oni para realizar seu pedido. Pense firma, não titubeie, pois o Oni saberá ser generoso às damas que o servem. Agora tu és a cuidadora do Oni, a nova Onibaba, feiticeira de Oni, disse a velha.

Onibaba? Cuidadora do anel? O quê era tudo aquilo, mas antes de requisitar maiores informações, a vendedora saiu rua a fora, quase como uma ventania sumindo no horizonte.

Lavínia, petrificada, ainda pensando na experiência estranha que teve, foi direto para sua casa. Casa não, na realidade o quartinho de pensão que alugava.

Chegando em casa, tomou um banho, e deitou-se em sua casa, olhando o anel entre as mãos e a vela na cabeceira. Será? Pensava. Não, é muita loucura. Mas, o que teria a perder se tentasse? Ninguém saberia mesmo. Qualquer coisa, caso desse errado,

ainda poderia fazer dinheiro com o anel. Um anel daqueles com certeza pagaria uns bons três meses de aluguel. Decidido, iria tentar ver se realmente a história do Oni era verdadeira. Nunca teve medo de monstros humanos que são reais, o que dirá dos imaginários.

Assim, acendeu a vela, colocou o anel no dedo, como uma noiva aceita uma aliança de compromisso, esperando o sono chegar. Logo adormeceu.

Num sonho sobrenatural, viu uma figura masculina, nu, portando apenas uma máscara oriental, no estilo dos teatros kabuki japoneses, mas cuja boca mexia-se. O mascarado chegou rente a ela e numa estranha lascívia a moça sentia-se extremamente atraída pelo figurão. No sonho, entre realidade e fantasia, os dois se beijaram. O beijo do homem era tão intenso que parecia roubar-lhe a alma. Um frio na espinha tomara-a, e num movimento involuntário abriu os olhos, já com o sol batendo-lhe o rosto.

Correu, lavou o rosto, arrumou-se e foi direto para a primeira boate, onde dançava quando precisava de dinheiro para completar o dinheiro do aluguel. O dia iniciara bem sem sorte, pois o ônibus já tinha perdido. Teve que tirar o sapato de salto e ir a pé e descalça. Porém, durante o caminho o carro a abordou. Seria um cliente.

Abre-se a janela e dentro do carro, havia uma mulher de meia idade, entregando-lhe um cartão:

- Mocinha, meu nome Rafaela Sanzio, sou representante de uma agência de modelos. Vi você andando pela rua e notei que você tem um perfil de top model. Estaria interessada em fazer um teste na agência? Logo teremos a temporada de desfiles europeus e estamos precisando muito de novas modelos.

A moça acenou com a cabeça que sim, fazendo o teste e, por incrível que pensava, conseguiu a vaga, tendo viagem marcada para Milão, em um mês. Era algo tão inimaginável para acontecer, que toda hora se beliscava com medo de não ser realidade. Realmente, a estória do Oni era verdadeira. Porém, como tudo na vida, aquela inesperada bonança teria um preço.

Todavia, num primeiro instante, aqueles dias foram os mais felizes na vida de Lavínia. Uma vida de agressões, pobreza, fora da sarjeta à fama num piscar de olhos. Grande estrela dos grandes circuitos da moda, como Milão, Paris, Nova York, Londres, entre outros. Dinheiro, fama, tudo. Não, quase tudo, ainda pensava num bom casamento.

Lavínia nunca acreditou em amores românticos. Pensava ser tolices de mentes avariadas. Queria sim um marido com sucesso financeiro, que pudesse ampará-la, quando

o sopro do sucesso das passarelas terminasse. Sabia que carreira de modelo não era longa.

O pretendente eleito, um herdeiro único de um grande conglomerado de indústrias, descendente da nobreza italiana, caíra de paixão junto à moça. Lavínia parecia enfeitiçar os homens, numa sedução irresistível. Casaram-se com toda pompa e circunstância de casamentos reais, com vários famosos e figurões. Uma pobre moça, filha de lavradores iletrados ascendia aos mais altos status da sociedade europeia.

Porém, nem toda felicidade é completo, além de seu sucesso meteórico ter um preço. Seu consorte desejava apenas uma condição da mulher: um filho, que desse seguimento a sua linhagem.

Ambos já haviam feito todos os exames e tratamentos possíveis, mas se quer conseguiu ficar grávida. Logo seu mundo colorido começava a ruir. O casamento passou viver em graves crises, discussões, brigas.

Numa noite, bebendo vinho num bar na Paulista, buscando esquecer a frustração da rotina diária, na qual tinha tudo e ao mesmo tempo nada, vê de relance a mesma velha asiática que deu-lhe o anel do Oni. Trocando os pés, devido ao álcool, levantou-se e foi desta, indagando-a:

- Uma vez me disse que eu teria tudo, caso aceitasse ser senhora do Oni. Acreditei em você e fiz como pediu. Mas, me enganou. Uma coisa tão simples como um filho não posso dar a meu marido.

- Um filho?! Riu a velha. Tudo na vida há um preço menina. As onibabas, guardiãs do anel do Oni nunca poderão gerar. Esse é preço. Esqueça! Nunca poderá ter filhos!

- Velha bruxa maldita. Tu me enganaste. Aqui toma este maldito anel. Nosso pacto está rompido, arrancando Lavínia o anel do dedo, jogando na direção da velha.

- Tola, um pacto com o Oni não se quebra tão fácil assim. Está bem, o anel não será mais teu. Mas, receberás a consequência desta desonra ao Oni, disse a idosa, dando em seguida um tapa no rosto da moça.

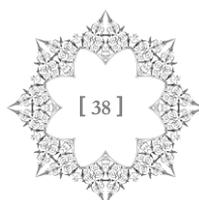
A velha deu-lhe as costas e sumiu no horizonte urbano, como fumaça se dissolve no ar.

Lavínia saiu andando bêbada pelas ruas, ainda praguejando. Porém, num dado instante, notou que estava sendo seguido, por algo que parecia uma sombra. Correu o máximo que seu estado de embriaguez possibilitava, até que o cansaço e as vistas embaralhadas fizeram-na cair na calçada de um beco escuro e pouco iluminado.

De repente vê aquela mesma figura, na noite do Oni, a figura masculina portando no rosto uma máscara semelhante às do teatro kabuki, atrás da velha onibaba, parecendo controlar a idosa. Esta, agora possuía força sobrenatural, imobilizou Lavínia, cortando suas bochechas até chegar na boca. No fim, disse a velha:

- Este é o preço de se insubordinar a um Oni. Quis luxo, sucesso, beleza. Pronto! Tu és Kuchisake-Onna (mulher da boca cortada)!

Assim, reza a lenda que Lavínia ainda continua sua eterna peregrinação pelas esquinas noturnas. Muitos dizem que ela aparece, cobrindo o rosto por um lenço, com roupas sexuais, perguntando sempre ao seu alvo se a acha bonita. Caso, a pessoa responda que não, ela vai cortar sua cabeça com uma tesoura. Se responder que sim, ela retirará o véu, revelando o corte que tem no rosto, de uma orelha a outra, a marca do Oni ou marca do demônio, buscando cortar a boca da pessoa que a achar bela.



*Apresentamos o poema*

# **ESTRADA DOS MALDITOS**

*Por Jorge Bheron Rocha*

**SOBRE O AUTOR: DEFENSOR PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ E PROFESSOR, PAI DA MORGANA, VALENTINA, BENJAMIN E SOFIA. ESPOSO DA PAULA, APAIXONADO PELA VIDA E POR VINHOS.**

Marchai, malditos, por quaisquer caminhos,  
Caminhai juntos ou sozinhos,  
Pois, no fim, estareis sempre sozinhos.  
Vossas estradas serão sempre pedregosas  
E vossas rosas terão sempre grandes espinhos.  
Vosso sol será sempre um sol negro e frio  
E vossa lua nunca será senão  
A velha lua nova.  
Vosso céu será escuro como vossa cova  
E nuvens cinzentas o ocultarão,  
Como véu fossem,  
De vossa curta e distorcida visão.  
Elas serão as mesmas nuvens de onde  
Despencarão estrondosos relâmpagos,  
Caindo perto de onde se esconde,  
Nos pútridos lamacentos pântanos,  
A parte negra de vossas almas,  
De vossas perdidas almas.  
Esta luz clareará vossos medos,  
Vossos traumas,  
Os mais íntimos desejos,  
Vossa maldade, crueldade,  
Vós descobrireis serdes  
Nada mais que vermes verdes,  
Aqueles que rastejam e comem  
Tudo que há em sua frente,  
Até mesmo a carne de outro homem,  
Até mesmo o corpo próprio  
Na loucura cega de vosso ódio.  
Pobres almas sem esperança,  
Pobres vidas perdidas,  
Afogadas em fel de vingança  
E em veneno de ira embebidas.

Rastejai, rastejai,  
À cata de vossos vãos destinos.  
Cantai e gritai vossos hinos,  
Desafinadamente agourentos.  
Orai por vossos corações mortificados,  
Posto que sem aviso ou sinal  
Cairá sobre vossos seres a sombra final,  
Exterminando de vez vossa vileza,  
Que é como uma nódoa negra para a natureza.  
Rastejai, criaturas envilecidas,  
Malditas pela própria razão de existirdes.  
Rumai para vosso fim,  
Segui vossa sorte  
E despreocupai-vos:  
Qualquer caminho é um caminho para a Morte.



*Apresentamos o poema*

# **A LENDA DAS PEDRAS DE ITAGUAÇU**

*Por Lucano da Bética  
(Lucas Mello Pioner)*

**SOBRE O AUTOR: MÉDICO SANITARISTA, ESPECIALISTA EM MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE, MEDICINA DO TRABALHO, MEDICINA LEGAL E PERÍCIAS MÉDICAS E MESTRE EM SAÚDE COLETIVA, COM ÊNFASE EM SAÚDE DO TRABALHADOR. FOI AGRACIADO COM DIVERSOS PRÊMIOS E HONRARIAS POR INTERCAMBIAR TEMAS DE SAÚDE COM A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO ÀS ARTES E À CULTURA. JÁ PUBLICOU SEUS TEXTOS EM VARIADOS PERIÓDICOS, TANTO ACADÊMICOS QUANTO LEIGOS. É AUTOR DE OBRAS LITERÁRIAS EM PROSA (CRÔNICAS, CONTOS E CAUSOS) E TAMBÉM EM VERSO (POESIAS LIVRES E ESTRUTURADAS), ASSINANDO SUAS PRODUÇÕES COM O PSEUDÔNIMO DE LUCANO DA BÉTICA.**

Em pleno sul maravilha,  
Lá na cidade do Desterro,  
Almas penadas dançavam quadrilha,  
Recém saídas de um enterro.

Os lobisomens, no mesmo momento,  
Em uma praia ali ao lado,  
Lançavam seus uivos ao vento,  
Com lua cheia e céu estrelado.

Dia treze, uma sexta-feira,  
Grandiosa noite de festa.  
A bruxa mor, com voz galhofeira,  
Puxava o coro da seresta.

Veio um bando de vampiros,  
Direto da fria Transilvânia.  
Do Egito as múmias, com papiros,  
Sem haver entre eles cizânia.

Estavam presentes o boitatá,  
Além do curupira e do caipora.  
Muito fumo, cachaça e ratatá,  
Ninguém querendo ir embora.

É coisa rara tamanha festança,  
Não acontecia há mais de mil anos.  
Com malvadezas em abastança,  
Bem como mágoas e desenganos.

Todos estavam se divertindo,  
As mulas sem cabeça, inclusive.  
Com seus farrapos, lhe vestindo,

O zumbi que morre e depois revive.

Todo tipo de monstro e assombração,  
Para esse evento foi convidado.  
Sem haver igual em comparação,  
Nem no futuro e nem no passado.

Acontece que existia um problema.  
Algo mal resolvido, contudo, havia.  
Já que o chefe de todo o sistema,  
De longe a tudo via e ouvia.

Eis que o capeta não foi convocado,  
Logo ele, o poderoso diabo.  
Por conta de ser assaz desbocado,  
E ordenar sempre que beijem seu rabo.

O cão era a indignação em pessoa,  
Espumando de raiva e de ódio.  
Seu grito nos quatro cantos ressoa:  
Vou pôr um fim nesse episódio!

É um acinte essa ousadia!  
Não admito ser feito de otário!  
A bruxa mestre é uma vadia!  
Me tratou como um reles proletário!

Mas eu sou forte e poderoso,  
Não há quem possa me desafiar.  
Vou mostrar o tanto que sou asqueroso,  
E quantos houver, vou trancafiar.

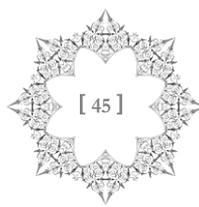
A balbúrdia rolava solta,

Eram altas horas da madrugada.  
Uma figura surge, em brumas envolta,  
E a turba logo foi subjugada.

Ele rapidamente foi identificado,  
Inconfundível seu cheiro de enxofre.  
Quem quis correr foi petrificado,  
Sem mais delongas, de chofre.

Cada um dos convivas virou uma pedra,  
Estéreis e imóveis, sem liberdade.  
E nem uma planta, até hoje, ali medra,  
E assim será pela eternidade.

Essa é uma lenda manezinha,  
Itaguaçu é o nome da paragem.  
Da lavra do grande escritor Peninha,  
Merecedor dessa singela homenagem.



*Apresentamos o poema*

# **BRUXARIA E MALEDICENCIA**

*Por Lucano da Bética  
(Lucas Mello Pioner)*

**SOBRE O AUTOR: MÉDICO SANITARISTA, ESPECIALISTA EM MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE, MEDICINA DO TRABALHO, MEDICINA LEGAL E PERÍCIAS MÉDICAS E MESTRE EM SAÚDE COLETIVA, COM ÊNFASE EM SAÚDE DO TRABALHADOR. FOI AGRACIADO COM DIVERSOS PRÊMIOS E HONRARIAS POR INTERCAMBIAR TEMAS DE SAÚDE COM A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO ÀS ARTES E À CULTURA. JÁ PUBLICOU SEUS TEXTOS EM VARIADOS PERIÓDICOS, TANTO ACADÊMICOS QUANTO LEIGOS. É AUTOR DE OBRAS LITERÁRIAS EM PROSA (CRÔNICAS, CONTOS E CAUSOS) E TAMBÉM EM VERSO (POESIAS LIVRES E ESTRUTURADAS), ASSINANDO SUAS PRODUÇÕES COM O PSEUDÔNIMO DE LUCANO DA BÉTICA.**

Atrás de um bosque sombrio,  
Bem no alto de um promontório,  
Onde os bravos perdem o brio,  
E todo medo é premonitório.

Quem chega perto se apavora,  
Ao ver o casebre, abandonado.  
Tem frio na espinha e as unhas devora,  
Coração acelera, impressionado.

Pois dizem que lá vive uma bruxa,  
Com sua ajudante, de alma penada.  
E se for pego ela estica e puxa,  
Devora o vivente e não sobra nada.

Faz sopa do fígado e dos rins,  
E com os olhos, um belo manjar.  
Melhor ainda se forem mirins,  
Que são mais fáceis de arranjar.

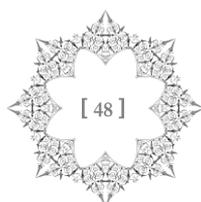
Porém, não faz distinção de idade,  
Coração velho tem muito mais fel.  
Se estiver, contudo, na mocidade,  
Será eterna fonte de mel.

Mas isso é só o que conta o povo,  
Ninguém sabe se é assim mesmo.  
Já que dela fogem, o velho e o novo,  
Pavor de virarem linguíça ou torresmo.

Sequer imaginam que a bruxa malvada,  
De maldade, à vera, tem apenas a fama.  
Só vive escondida porque é reservada,

Receio que joguem seu nome na lama.

Uma vez que há gente deveras maldosa,  
Bisbilhotando sempre a vida alheia.  
Com língua ferina e também ruidosa,  
Fala mal e reclama, de barriga cheia.



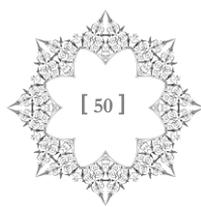
*Apresentamos o poema*

# **BEIJO DE UM VAMPIRO**

*Por Natália Franco*

**SOBRE A AUTORA: ESTUDANTE DE LETRAS, APAIXONADA POR PALAVRAS, ADORA ESCREVER POEMAS. UMA GAROTA SONHADORA QUE ADORA COMPARTILHAR SEUS TEXTOS COM O MUNDO.**

Sempre me disseram  
Que ele era estranho  
E sombrio  
Admito que quando estávamos perto  
Sempre sentia um arrepio  
Mas pensava que não  
Era nada de mais  
E deixei  
todas essas acusações  
para trás  
Até aquela noite sem graça  
Em que pela Primeira vez  
fui a sua casa  
E o lugar não era singelo  
E sim um castelo  
Quando o vi se aproximar  
Pensei em tudo  
Menos que naquele momento  
Meu mundo iria se acabar  
Quando dei meu último suspiro  
Antes de morrer  
Com o beijo de um vampiro



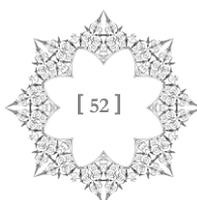
*Apresentamos o poema*

# **NUNCA MAIS CONSEGUI**

*Por Natália Franco*

**SOBRE A AUTORA: ESTUDANTE DE LETRAS, APAIXONADA POR PALAVRAS, ADORA ESCREVER POEMAS. UMA GAROTA SONHADORA QUE ADORA COMPARTILHAR SEUS TEXTOS COM O MUNDO.**

Era um dia importante  
O dia  
da minha primeira apresentação  
Meu peito pulava  
De tanta pressão  
E para piorar  
Eu sentia  
Que alguém queria  
mais do que tudo roubar meu lugar  
E esse alguém não era desse mundo  
E tinha um ferimento profundo  
Pouco antes de entrar no palco  
Estava me arrumando  
Quando ouvi meu espelho  
Se balançando  
Olhei dentro dele  
E a vi  
Olhando profundamente para mim  
É me dizendo para ir viver com ela  
Como não tive cautela  
Neste truque cai  
E como  
me arrependi  
Pois me apresentar  
Nunca mais consegui



*Apresentamos o conto*

# **AQUELE QUE ASSOMBRA, AQUELE QUE CACA É AQUELE QUE DEVORA**

*Por Ney Alencar*

**SOBRE O AUTOR: NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. POSSUI 95 CONTOS PUBLICADOS EM 27 E-BOOKS E EM 34 ANTOLOGIAS. POSSUI 02 ROMANCES PUBLICADOS.**

“Raiva e ressentimento  
Fazem chacoalhar ossos.”

Haiku sem nome

1890.

**A** estrada de terra caminhava devagar ao lado da grande planície aberta.  
Os campos plantados ondulavam como um oceano verde ao vento da noite  
formando vagas que morriam nos sopés das montanhas.

A lua gorda preenchia o céu com sua luz diáfana e vagalumes dançavam sobre as folhas dos arrozais ainda em renovos.

O silêncio medroso foi quebrado pelo espaldar de sandálias sobre a terra seca, em um som cavo e definhado.

Passos desacautelados que retiniam pela noite como tambores de uma processão.

A figura franzina da velha senhora caminhava devagar, em um ritmo esqualido, por vezes arrastando a sandália como se desafiasse o silêncio que a envolvia de forma tão absoluta.

Não trazia nenhuma luz consigo, não precisava pois conhecia aquele caminho, já o fizera tantas vezes durante os dias ensolarados.

Mas nunca havia caminhado por ali há noite.

Nenhuma vez desde que nascera, há quase oitenta anos atrás.

As corres berrantes de seu quimono azul e vermelho contrastavam com a palidez de seu rosto, que ainda trazia a cor marcante de sua posição dentro da trupe de teatro Noh na qual laboriosamente tocava flauta, assumindo o papel de terceira Hayashi.

Seus dedos esqueléticos tocaram a madeira da flauta negra que trazia presa à cintura.

Não havia nada mais no mundo que amasse tanto fazer que tocar aquela flauta nas noites de apresentações no teatro da vila.

Não tivera filhos, nem mesmo amantes!

Sua vida era sua música!

Sua pequena casa ficava no sopé das montanhas distantes, do outro lado da grande planície, uma casa modesta para uma vida modesta!

Mas o povo da vila era supersticioso, não queriam deixá-la atravessar a planície naquela noite de lua cheia, fantasmas andavam por ali, eles diziam com medo.

Mas ela já era velha, não havia nada que lhe desse medo mais, nem mesmo a Morte!

Sorriu despreocupada, estava feliz e aquilo era tudo!

Nuvens pejudas de chuva correram para frente da lua, cobrindo seu rosto para que ela não visse o que iria acontecer.

Súbito um som espectral reverberou pelo meio da vasta planície e veio como uma nota tétrica trazido pelo vento assombrado.

Sinos metálicos como guizos pequenos soaram distantes!

A velha senhora olhou ao redor, primeiro espantada e depois assustada, procurou a origem dos sinos, mas não conseguiu encontrá-la.

Estava sozinha! Não havia mais ninguém na estrada.

O vento tornou a voltar e com ele o som vago de árvores estalando ao vento.

A velha senhora parou, escutando atentamente.

Parecia que o som vinha em sua direção, vinha do interior da planície.

Um terror vago começou a tomar forma dentro de seu peito, o coração acelerou como já não fazia há muitos anos, em um galope frouxo.

Seus olhos se arregalaram, pois na escuridão que a rodeava ela começou a ver uma silhueta distinta.

Era alguém que vinha caminhando pela estrada, em sua direção!

Por um momento ela suspirou de alívio, era apenas mais um viajante passando por ali, e nada mais!

Mas a silhueta aumentava de tamanho à medida que se aproximava, parecia esmaecida, quase imaterial ao longe, mas à medida que caminhava para ela, a velha senhora viu que era uma coisa gigante!

Parou! Os joelhos tremiam, pois o medo, esse ladrão que se intromete nas vidas dos homens, agarrava seus pés e os prendia ao chão sem deixa-la se mover.

O coração doeu de tanto bater, sua respiração entrecortada subia como uma pequena névoa pois já passava da meia-noite e estava frio.

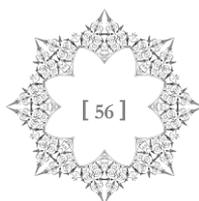
Afinal conseguiu ver aquilo que a aterrorizava e a simples visão daquele gigantesco esqueleto cujos dentes cacarejavam naquele horrível som que zumbia em seus ouvidos e que com passadas largas dos pés ossudos vinha até ela a deixou ainda mais horrorizada!

A mão que apertava a flauta tinha os nós dos dedos já brancos pela força que fazia.

Sua voz conseguiu murmurar apenas uma palavra, quase como um chamado ou um reconhecimento antes que aquilo a tomasse em suas mãos cadavéricas e levantando-a do chão num átimo arrancasse sua cabeça com uma única dentada e aspergisse seu sangue ainda quente pelos ossos brancos que o formavam.

— Gashadokuro! — lembrou-se a velha senhora em seu último pensamento, porque aquela planície que bordejava a velha estrada não era outra senão a assombrada Sekigahara!

O gigante cadavérico sequer parou enquanto saciava temporariamente sua fome amaldiçoada, e logo continuou seu caminho, desaparecendo através da noite como o farfalhar do vento por entre os arrozais!



*Apresentamos o conto*

# **O AMANTE DA JURO-GUMO**

*Por Ney Alencar*

**SOBRE O AUTOR: NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. POSSUI 95 CONTOS PUBLICADOS EM 27 E-BOOKS E EM 34 ANTOLOGIAS. POSSUI 02 ROMANCES PUBLICADOS.**

“A teia do desejo  
Se alimenta da carne.”

Haiku desconhecido

1890.

O crepúsculo caía devagar e as sombras saíam de seus refúgios e vinham para a rua. Uma porta coberta de laca vermelha com uma pequena fechadura prateada abriu-se em um alto e largo muro pintado de negro na esquina de um beco, ao lado de uma pequena loja de porcelana.

Do seu interior surgiu uma jovem, esguia e pequena, a pele branca como o leite fresco, os olhos negros e vívidos como o carvão recém colhido nas minas, os cabelos longos desciam em uma cascata de ondas negras pelos ombros nus e corriam até seus quadris. Vestia-se de um vermelho bem vivo, com fitas coloridas de dourado e verde e seus pés estavam descalços.

Seus lábios finos estavam acesos como a cor vermelha do vestido.

Deixou a porta entreaberta, como seus lábios, e esperou!

A lua não havia saído ainda e apenas as sombras e aquilo que anda nas sombras caminhava pelas ruas naquele momento.

O acendedor de lampiões veio, distribuindo sua luz bruxuleante com parcimônia pelas esquinas e calçadas.

Pequenos necos com suas silhuetas felinas pulavam de sombra em sombra brincando de esconder.

Um Yurei sisudo e calado passou pela jovem e dirigiu-lhe um olhar lânguido, mas o que viu nas sombras da porta entreaberta o fez andar mais depressa para afastar-se dali.

Pela calçada veio um jovem de passo rápido, trajando um terno cinzento com uma gravata branca, em suas mãos alguns livros, sobre seus olhos um óculos pequeno de lentes que refletiam a luz bruxuleante dos lampiões em pequenos arco-íris.

Ao passar pela porta vermelha, seu olhar foi atraído pelos olhos amendoados da jovem, que lhe sorriu mesmerizante com os lábios entreabertos, mostrando dentes alvos e bem finos.

Ele parou e deixou-se ficar ali, contemplando-a. Gracejou um poema e enredou-se devagar na sua voz cativante e concupiscente.

Tímida ela aproximou-se, com gestos esquivos, em um balé hipnótico, movendo suas mãos com languidez e seus quadris com uma lascívia disfarçada.

Conversaram, tocaram risos e olhares.

Ela o enredou em sua teia de charme e sedução e com um gesto sincero o chamou para dentro de sua residência. Ele a seguiu. Ela fechou a porta atrás de si.

Pelas calçadas pessoas se acumulavam à medida que a noite avançava.

A lua saiu de detrás das nuvens e mostrou seu rosto branco, desfazendo os sortilégios que ocultavam yurei e yokai, e suas sombras se misturaram às dos homens e caminharam pelas ruas livremente.

Quando a madrugada chegou a pequena porta de laca vermelha abriu-se e o jovem saiu.

Seu semblante cansado e os olhos fundos mostravam mais do que as duas pequenas marcas vermelhas no pulso esquerdo, que ainda sangravam um pouco.

Ele arrumou a gravata e despediu-se da jovem, prometendo retornar no dia seguinte.

Ela sorriu, mostrando os dentes alvos e finos, meio avermelhados, e lembrando-se do gosto doce dele beijou-o na face.

À medida que via a silhueta dele desaparecer na multidão ela sorriu satisfeita!

A noite seguinte encontrou-a no umbral da porta entreaberta.

Devagar a noite arrastou-se enquanto ela esperava seu pretendente.

Devagar, porém impaciente, ela esperou!

Outros homens que vieram, mesmerizados por seus olhos lascivos ou por seu sorriso lúbrico, ela os dispensou.

Esperava unicamente aquele que havia escolhido para ser seu consorte, aquele para quem havia tecido sua cama de teias e escuridão, mas inutilmente, ele não veio!

Dias se passaram sem que dele soubesse. Sumira!

Afinal, enquanto perambulava perto do muro negro ouviu a conversa de dois outros jovens, uma conversa sombria e cheia de traição e martírio.

O jovem havia sido atraído até o palácio de um velho cortesão e enredado em planos de perfídia inauditos, com o intuito sério de causar vergonha e desonra à sua família. Havia então sido denunciado e preso por traição e afinal sentenciado à morte! Sua casa estava fechada e ninguém mais morava lá.

A jovem, cujo coração era frio como o mais estéril dos desertos de gelo, sentiu dominar-se por uma raiva gelada, pois sua presa havia sido tirada dela, não poderia sentir mais o doce

sabor do sangue que corria nas veias daquele jovem e isso a encheu de uma cólera tremenda.

Naquela mesma noite atraiu e seduziu os dois jovens que ouvira conversando, com seus olhos lúbricos e seu sorriso concupiscente os deixou entrar em seu covil e aprisionou-os em suas teias fortes como o aço mais fino.

Depois de alimentar-se planejou sua vingança!

O velho cortesão, gordo e barrigudo, morava em um palácio luxurioso do outro lado da cidade.

Quando veio o dia em que a lua escondeu-se e apenas as trevas encheram a noite a jovem cruzou os portões fechados daquele palácio.

Seus passos descalços não foram ouvidos por nenhum ouvido humano e outros ouvidos que porventura não o fossem eram espertos o suficiente para não se meterem em seus assuntos.

Havia uma raposa que habitava o jardim daquele palácio, uma pequena kitsune de pelagem esbranquiçada e língua vermelha, velha mesmo para os padrões dos homens, mas quando viu a jovem e olhou em seus olhos cruéis e viu seu sorriso faminto percebeu o que ela era e o que iria fazer, afastou-se triste e nunca mais voltou naquele jardim novamente!

A jovem atravessou os corredores de chão de mármore branco rajado de rosa e chegou à porta de madeira verde do quarto daquele homem mau.

Um toque abriu a fechadura.

Ela entrou e trancou a porta. Privacidade era seu bem mais precioso!

Deixou cair o vestido vermelho, já não precisava dele.

Subiu devagar na cama grande de lençóis de cetim e seda.

O velho cortesão acordou com o movimento.

Assustou-se quando a viu, mas ela era jovem e suas formas delgadas excitavam os desejos mais lascivos nele e logo a susto foi substituído pela luxúria.

Ele falou e sua voz roufenha conspirou o silêncio.

— Você é nova no palácio?

Ela o olhou com os olhos amendoados sem responder.

— Venha cá, quero conhece-la melhor! — pediu ele mesmerizado por aquele olhar.

Ela veio!

Devagar seus braços brancos a levaram para cima dele, ela cavalgou seu abdômen protuberante e sorriu quando abriu seus outros braços e o envolveu em um abraço insidioso, seus lábios aproximaram-se do ouvido do cortesão e ela sussurrou:

— Eu sou a noiva daquele jovem que você traiu tão insidiosamente! Vim porque tenho fome e já não tenho o que comer!

Os olhos do cortesão se arregalaram de susto, ou talvez de pavor ao perceber a quantidade de braços que o abraçavam e a quantidade de pernas que o prendiam.

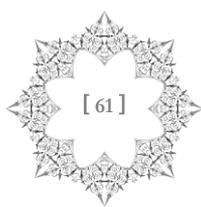
— Não foi culpa minha! Eu apenas fiz o que o Imperador pediu! — implorou o velho cortesão.

— Mas foi sua culpa sim. — sussurrou a jovem sorrindo e mostrando os dentes brancos e finos como agulhas, dos quais agora brotava um líquido peçonhento — Por sua culpa eu não tenho meu noivo e estou muito faminta. Mas não se preocupe, você não tem o sangue doce dele, mas é gordo o suficiente para saciar minha fome!

E o velho cortesão gritou quando viu a linda jovem transformar-se em uma horrenda aranha gigante!

Gritou apenas por algum tempo!

O restante da noite ficou consciente, enquanto ela o devorava!



*Apresentamos o conto*

# **HEREGE**

*Por Paulo de Barros Gabriel*

**SOBRE O AUTOR: NASCIDO EM SACRAMENTO-MG EM UMA FAMÍLIA COM MAIS TRÊS IRMÃOS E UMA IRMÃ. CRIADO EM BRASÍLIA-DF E SEMPRE DIVIDIU SEUS INTERESSES ENTRE LER E FAZER ESPORTES. COMEÇOU A ESCREVER QUANDO ADOLESCENTE, MAS ESCREVA POUCO. SÓ FOI COMEÇAR A LEVAR A SÉRIO A ESCRITA A PARTIR DE 2018. É FORMADO EM HISTÓRIA NA UNB E PRETENDE SEGUIR CARREIRA ACADÊMICA. TEM CONTOS PUBLICADOS NAS ANTOLOGIAS "INSÓLITO", "O LIVRO DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA", "HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO" VOL. II E V, E TAMBÉM "FICÇÃO CIENTÍFICA - CONTOS E POEMAS".**

**F**ui destacado para investigar três bizarros assassinatos que aconteceram na pacata cidade de Ouro Verde, no interior de Minas Gerais. Senti-me um tanto rebaixado por isso. O delegado me enviara para os confins do mundo, enquanto havia uma profusão de casos na capital. Será que não sou bom o bastante para a cidade? O fato é que me jogaram num trabalho de criptozoologia e eu não apreciei nem um pouco. Ao chegar à cidadezinha, comecei prontamente a investigação, queria me livrar logo daquilo. Como de costume, ninguém parecia saber nada. Os que dizem alguma coisa falam de uma maldição, aquela superstição corriqueira do interior.

O fato é que os cadáveres foram marcados por garras e mordidas, como se fosse de uma onça, mas as marcas não batem com as de uma onça e esses predadores não são conhecidos por matar humanos em sequência. Sem testemunhas, sem pistas, eu cheguei a um beco sem saída. O que fazer? Resolvi rondar o local dos assassinatos à noite para ver se algo acontecia. E aconteceu.

Estava em frente ao cemitério. Caía uma fina garoa e estava particularmente frio. Mais frio do que o comum. E minha jaqueta de couro não estava aguentando o tranco. Eu tremia enquanto caminhava, os olhos observando as pontas das estátuas que adornavam os túmulos. Então um vulto passou velozmente por cima das estátuas. Senti o terror penetrar o meu coração, mas não tive tempo para mais nada, pois fui atingido por uma pancada nas costas, seguida de cortes violentos. Berrei de dor enquanto caía. O vulto então parou e ficou lá me observando, com seus monstruosos olhos amarelos. Ele era uma criatura humanoide e curvada para frente, além de ser esquelética, com a pele seca grudada aos ossos. Tinha um enorme cabelo todo bagunçado e unhas compridas terríveis. Sangue pingava delas. Meu sangue.

Irritei-me e puxei minha pistola. Antes que pudesse mirar com precisão, o monstro já estava em movimento novamente. Corria como uma gazela. Disparei algumas vezes, sem acertá-lo. Num piscar de olhos, ele já estava em cima de mim. Deu uma garrada no peito, outra no rosto e então caiu por cima de mim. Eu podia sentir seu bafo pútrido no meu rosto e seu gélido corpo junto ao meu. Quando ele se preparava para dar a mordida final, pessoas surgiram da esquina gritando e ele pulou fora. Foi a última coisa que vi aquele dia, antes de apagar.

No mundo dos sonhos, eu via a criatura seguidamente. Seus movimentos, seus ataques, sua destreza. Era um baita de um animal! A cena que mais me atormentava era o seu rosto colado ao meu. Aqueles olhos... Eles significavam morte... Terrível e monstruosa

morte. O delegado aparecia de vez em quando, com aquela barriga pornográfica. Ele me mandava fazer o trabalho direito ou eu seria exonerado, tudo isso enquanto o monstro se preparava para morder minha jugular. E eu gritava por ajuda, esperneava, uivava. O delegado permanecia impassível, como ele sempre era.

Quando despertei já era de tarde. Estava num simplório quarto de hospital, todo enfaixado. Havia uma mulher de meia-idade sentada ao meu lado. Ela disse que eu não quis ouvir sobre a maldição, mas a senti na pele. Falou também que se eu quisesse ter sucesso em minha empreitada deveria visitar um ermitão numa chácara no meio do mato. Ele tinha um vasto conhecimento sobre as lendas locais e, com certeza, conheceria a maldição que assola Ouro Verde. Me senti como um idiota. Maldição? É sério isso? Aquilo que me atacou devia ser algum tipo de criatura que se pensava extinta. Um antigo símio das matas, tão raro que só apareceu agora. Claramente alguma coisa o irritou, talvez a invasão de suas terras pelos homens, e aí ele atacou. De qualquer forma checaria o ermitão, quem sabe ele poderia dar uma luz à situação e acabar com esse papo de maldição.

No dia seguinte me senti um tanto melhor e deixei o hospital pela manhã. Segui para a chácara do tal ermitão. Era uma cabana pobre de madeira, com um galinheiro e um chiqueiro ao seu redor. Um grande cachorro veio me recepcionar, logo seguido por um homem velho com a barba branca comprida e vestes monásticas. Já lá dentro, ele me explicou a maldição do Corpo-Seco. Um homem que era tão pérfido em vida que não foi aceito nem pelo céu, nem pelo inferno. Então ele passa a assombrar o mundo dos vivos como um morto-vivo. O único jeito de pará-lo é performar um ritual sagrado que, por sorte, o eremita era capaz de performar. Contudo, para isso se concretizar, o Corpo-Seco devia ser capturado.

“Isso é tudo muito místico. Não acredito em maldições.” - eu disse.

“Ora, outras interpretações podem surgir e rivalizar com a minha. Mas aí estaríamos caindo em inverdades, pois tenho certeza de que o Corpo-Seco está assombrando a região.” - o eremita comentou, coçando a barba.

“E se ele fosse um animal antigo e raro, nunca antes visto, que teve suas terras invadidas por pessoas e agora está se defendendo?”

“Um caso para criptozoólogos, você diz? Não. Já vivi o bastante para ver o Corpo-Seco em outras localidades. Se não acredita em mim, pelo menos capture-o e leve-o para o cemitério amanhã à noite. Aí decidimos o que fazer.”

Concordei com o homem, peguei-o pela mão e parti.

Para pegar o monstro, armei uma armadilha no meio da mata e esperei a noite. Quando escureceu, comecei a gritar pelo Corpo-Seco na esperança que lhe chamasse a atenção. E consegui. Contudo ele veio pelo meu lado a toda velocidade. Corri o máximo que pude e tive o cuidado de pular o fio da armadilha. Já o suposto morto-vivo, não. Ele foi capturado por uma rede, que o apertou em uma posição extremamente desconfortável. Então levei o corpo até o cemitério, como o eremita me dissera. Ele estava lá, à espera. Coloquei o tal do Corpo-Seco debaixo de uma árvore e em frente ao velho. Discutimos sobre o próximo passo. Eu queria executar aquele animal ali mesmo, o eremita não se opôs. Pensei que finalmente resolveria o caso, quando disparei minha arma – não aconteceu nada. O Corpo-Seco continuou “vivo”, apenas deu um uivo congelante. Em seguida, reconhecendo meu erro, e me sentindo como uma criança que mal sabia os mistérios do universo, me afastei para deixá-lo performar o ritual.

O eremita começou a falar palavras em latim e apontou os braços para o morto-vivo. Raios começaram a cair, um deles em cima do corpo, que logo começou a brilhar em dourado. Uma figura azul principiou a sair da criatura, lentamente enquanto o velho entoava suas palavras como uma mórbida canção. Era a alma do Corpo-Seco abandonando o corpo! Porém uma luz branca veio do céu e forçou a alma de volta ao morto-vivo. Um grande choque saiu do corpo e atingiu o eremita, que caiu sentado no chão, fatigado. Eu não podia acreditar no que via! Maldição, almas, luzes vindas do céu! Onde diabos eu havia me metido?

“Ele disse” – ermitão falou. “que o Corpo-Seco é uma punição aos povos da região por seus pecados. Portanto Ele forçou a alma de volta ao cadáver pútrido para que os homens possam aprender a respeitar as Leis Divinas!”

“D-Deus falou co-com você?” - perguntei, um tanto sobrecarregado por tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo.

“Sim, meu filho. E suas palavras foram duras.”

Saí daquele momento de hesitação, e me irritei. Me aproximei do velho carregado de ódio no coração.

“Que tipo de Deus é esse? Que permite que um monstro grotesco fique à solta para matar seus fiéis? Esse Deus tinha de estar no inferno!”

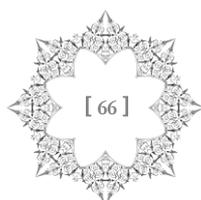
“Shh! Não se comporte como um herege! Ou sofrerá no fogo do inferno eternamente. Ou, quem sabe, vire um igual a este pobre coitado...”

“Já vou para o inferno, sem dúvidas. Melhor do que ficar ao lado de um Deus idiota e sádico!”

“Bom, não me importo com sua alma. Se quer o inferno, o inferno terá. Mas precisamos lidar com esse pobre coitado aqui. O que faremos?”

“Vamos enterrá-lo numa cova. E torcer para que ele nunca mais saia!”

Arranjamos duas pás e começamos a cavar em frente da árvore. Foi um trabalho duro. Nunca pensei que seria tão difícil fazer uma cova. Suei até não querer mais e me sujei por inteiro. Após algumas horas o buraco ficou pronto. Só tivemos o trabalho de rolar a criatura até ele e depois tapar de novo com a terra. Quando terminamos já era o alvorecer. A luz do sol criava um espetáculo no céu, tornando-o parcialmente rosa, quase roxo. Isso quase superou meu ódio por Deus. Quase.



*Apresentamos o conto*

# **UMA SEGUNDA CHANCE**

*Por Roberto Schima*

**SOBRE O AUTOR: NETO DE JAPONESES, NASCIDO A 01/02/1961. AGRACIADO COM O "PRÊMIO JERÔNIMO MONTEIRO", PROMOVIDO PELA "ISAAC ASIMOV MAGAZINE" (ED. RECORD). CONTEMPLADO NOS CONCURSOS "OS VIAJANTES DO TEMPO" E "OS TRÊS MELHORES CONTOS", AMBOS PELA REVISTA DIGITAL CONEXÃO LITERATURA, COM A QUAL COLABORA DESDE O Nº 37. ESCREVEU: "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" ETC. O CONTO "AO TEU DISPOR" FOI PREMIADO NA ANTOLOGIA "CROCITAR DE LENORE" (ED. MORSE). INFORMAÇÕES: GOOGLE. CONTATO: [RSCHIMA@BOL.COM.BR](mailto:RSCHIMA@BOL.COM.BR).**

Japão.

Tóquio.

Nublado.

**F**indava um dia úmido de outono em *Kabukichō*. Das estreitas faixas de céu cinzento que Matsuda podia ver bem como o cheiro no ar acima da poluição, adivinhou que faria uma noite chuvosa e fria sobre a cidade. Nem por isso, as infindáveis luzes, anúncios luminosos e telões iriam se apagar. Suas ruidosas avenidas eram um permanente caleidoscópio de cores, um hipnótico pavão de neon em uma espécie de selva *cyberpunk*. Tóquio nunca dormia, jamais descansava. Jovens desfilavam suas caricatas incertezas pelas praças, calçadas e esquinas, divorciados das antigas tradições e desajeitados na adoção dos modismos ocidentais. Trajes extravagantes se mostravam alheios ao menor senso de ridículo ao lado de cabelos azuis ou amarelos.

Matsuda detestava aquela balbúrdia iridescente. Por isso ficava ali, em um dos diversos becos — *yokocho* —, escondido da multidão. Além de ser o seu ambiente, era a sua zona de trabalho. Do canto escuro, prosseguiu a observar tanto a outra extremidade do *yokocho* quando a tira de céu sobre sua cabeça. As gotas frias vieram e se despejaram sobre seu rosto. Sentiu-se renovar.

— *Arigato...*

As águas lavaram as paredes empoeiradas e sujas dos edifícios ao redor. A sujeira, feito cascata, verteu para os sinistros *yokocho* feito um pranto silencioso.

Pelas avenidas a formar o perímetro do quarteirão, pessoas exauridas deixavam lojas, restaurantes e escritórios a fim de encerrar seus dias, apanhar o trem e retornar para o aconchego de seus lares. Abriram seus guarda-chuvas transparentes e caminharam apressadas até a estação. Apenas os jovens residentes nas redondezas permaneceram. Tagarelavam, jogavam, perambulavam atrás de uns trocados ou de um prazer rápido numa das casas noturnas, relutantes em retornar para os cubículos de vinte metros quadrados aos quais se recusavam a chamar de lar.

Matsuda, cheio de ilusões, viera da zona rural para tentar a sorte na cidade grande. Não encontrara sorte alguma e ela tampouco fizera-se por mostrar. Matsuda se sentira perdido, oprimido e deprimido; inquieto e amedrontado naquele universo tão diferente do seu. Sem conseguir emprego por falta de especialização, envergonhado em dar a conhecer seu fracasso perante os pais, caíra na marginalidade. Sim, Matsuda tornara-se

um meliante. Fazia quase um ano. E, embora não completasse trinta anos de idade, sentia-se um homem muito velho. O que diriam seus pais em relação a isso havia muito deixara de pensar.

Em seu *modus operandi*, utilizava-se da escuridão dos *yokocho* para se esconder e atacar uma eventual vítima que pelo local passasse. Também apreciava os becos pela atmosfera que deles emanava: evocava um Japão antigo e quase esquecido, fazia-o se sentir um pouco em casa.

Não era como os membros da *yakuza*. Estes se mostravam ousados, organizados e se portavam como uma alcateia. Visavam grandes presas: extorsão de estabelecimentos comerciais, prostituição, agiotagem e drogas. Obedeciam a um lobo alfa e uma rígida hierarquia. Já Matsuda, não. A timidez fizera do pobre diabo um lobo solitário, ou melhor, um vira-lata sem dono. Utilizava-se de uma mera faca de cozinha em suas abordagens. Era um homem baixo, magro e fraco. Não era dotado de personalidade dominadora. Dava preferência em atacar mulheres frágeis e sozinhas. Alguns o chamariam covarde, mas ele considerava sua atividade um modo de sobrevivência. Ademais, se algum dia possuía amor próprio, escoara ralo adentro fazia tempo, assim como a chuva que ora caía.

O *yokocho* estava deserto e era assim na maior parte das vezes. Raras pessoas tendiam a utilizá-lo como atalho. Fazia parte de um verdadeiro labirinto que entrecortava o quarteirão. Esse labirinto era tão isolado devido aos grandes edifícios a sua volta que a barulheira do trânsito, das lojas, do vozerio na avenidas mal chegava ao seu interior. Minúsculos estabelecimentos comerciais sobreviviam nos becos: pequenos restaurantes, bares, lojinhas, até igrejas. As atividades eram denunciadas pelas luzes acesas no interior, porém, boa parte das portas permaneciam fechadas como se guardassem segredos ou não desejassem a intrusão do mundo moderno. Clientes assíduos os frequentavam. Eram menos fregueses e quase membros de uma seleta família ou irmandade.

Matsuda conhecia a maioria dessa gente de cor. Ainda que não conhecesse, bastava uma olhada para adivinhar: o andar sorrateiro mas seguro, a quietude, os trajés sóbrios e o rosto fechado, ocasionalmente iluminado pela brasa de um cigarro. As mulheres não se portavam de jeito diferente. Eram parte daquele cenário, como as lanternas de papel, os engradados, as tubulações, a fiação caótica e as fachadas encardidas.

O *yokocho* em que Matsuda fazia tocaia naquele início de noite tinha uma extremidade que dava direto na avenida. Ele permanecia oculto no final, numa reentrância

escura, de onde tinha visão dos pedestres, dos carros e dos edifícios do outro lado. O caminho fazia um desvio em "L". Era no ângulo desse desvio que Matsuda sairia do esconderijo e daria o bote. Apanharia o que pudesse e faria a vítima assustada retornar por onde viera, enquanto ele fugiria na outra direção através do labirinto.

Mentalizou tudo isso, conferiu a faca de cozinha, tirou a chuva dos olhos, ajeitou a máscara no rosto.

Então, avistou o vulto vindo de longe.

\*\*\*

A Srta. Kojima ofegava. Saíra mais tarde do serviço. Mais tarde do que o habitual, pois sempre fizera horas extras. Para não perder o trem e evitar a multidão, decidiu cortar caminho pelo *yokocho*.

Matsuda engoliu em seco.

"É agora", pensou, avaliando a provável presa.

Delineada pelas luzes da avenida, concluiu ser uma mulher miúda.

"É ela!"

Tateou pela arma, segurou firme o cabo úmido de plástico e aguardou.

A emboscada estava armada.

A Srta. Kojima prosseguiu, apressada. Os saltos de seus sapatos produziam sons secos no calçamento. Relembrou a última hora. Teria se esquecido de algum detalhe? Não, tinha certeza que não. Fizera tudo conforme planejara. Fazia meses que trabalhava nisso. Era uma mulher criativa. O patrão percebera isso e a contratara na agência de propaganda. Também se atentara ao fato da Srta. Kojima ser uma jovem atraente, solteira e aflita por conseguir o trabalho a qualquer custo. Qualquer custo. Nas sombras, a mulher fez uma careta ao se recordar do corpo flácido do patrão sobre o dela. A cabeça de tartaruga penetrando na sua toca encantada. Os gemidos e obscenidades balbuciados em seus ouvidos. As mãos a apalpar e agarrar de maneira desajeitada a carne branca. Chacoalhou a cabeça, enojada. Apalpou o volume dentro da bolsa. Era uma compensação mínima aos momentos de sacrifício pelos quais se submetera.

— Porco!

Acelerou.

Quando faltavam cerca de cinco metros até alcançar o desvio onde Matsuda daria o bote, ambos tiveram a maior surpresa de suas vidas.

De repente, uma coisa negra abateu-se feito raio sobre a mulher.

A Srta. Kojima mal teve tempo de emitir um gemido. Atirada ao chão, tentou gritar, porém, foi como se tivessem lhe tapado a boca. Horrorizada, não conseguiu respirar diante da pressão exercida em seu pescoço. Tudo o que pôde ver foi o par de olhos demoníacos, brilhando feito duas brasas. Procurou pela bolsa, contudo, dentes afiados penetraram a suavidade de sua pele e o sangue jorrou. A medida em que a carne foi sendo dilacerada, a mulher voltou seu derradeiro pensamento para a fortuna que jamais usufruiria.

Matsuda assistiu a tudo boquiaberto.

"O que foi isso?"

Seu corpo passou a tremer incontrolavelmente. Entrou em desespero ao perceber, misturado à água da chuva que escorria até os seus pés, as manchas escuras de sangue.

"Por Ukemochi, tenho que fugir!"

Se a coisa que atacou a mulher pudesse vê-lo no escuro ou farejá-lo, seria o seu fim. Um fim terrível, sórdido, solitário e sanguinolento. Preparou-se para correr, mas um outro pensamento o deteve.

"Estou escondido. Sou parte da escuridão. Se eu sair, revelarei minha presença. E se aquilo for mais rápido do que eu, estarei perdido. Tenho que continuar aqui."

Em sua mente, forças opostas brigavam e discutiam sobre qual atitude tomar.

*Ficar!*

*Fugir!*

Desejou ardentemente estar em sua casa de madeira no campo, cuidando dos arrozais. Confessar seu fracasso não lhe parecia tão ruim agora, enquanto fitava as sombras e ouvia os ruídos produzidos pela criatura ao se alimentar: sugava e mastigava, sugava e mastigava, sugava e mastigava.

O *yokocho*, em geral, cheirava a mofo, madeira podre, fuligem, comida azeda e urina. Todos esses odores foram encobertos pelo inconfundível cheiro de sangue — pungente, pegajoso e enjoativo —, sangue que deixou de fluir até o esconderijo de Matsuda.

— Ahhhh! — deliciou-se a coisa em som gorgolejante. — Ahhhh!

Os pelos dos braços de Matsuda se arrepiaram.

O som, a voz... Era de uma mulher!

Então, a sombra desapareceu.

\*\*\*

Matsuda pendeu entre o alívio e o temor.

Para onde a criatura teria ido?

A chuva em suas pálpebras atrapalharam. Arrancou a máscara sufocante. Não soube dizer se o monstro fora embora ou fundira-se à escuridão adjacente. Pensou nas lendas a respeito de *Kushisake Onna*, *Aka Manto*, *Teke Teke*, *Yuki Onna*, *Ubume*... Enquanto homem do interior, estava inerente em seu espírito o receio quanto a esses seres demoníacos. Jamais esperava testemunhar a aparição de um deles.

— *Yurei!*

Tudo o que ele via agora era o final do beco terminando na avenida, onde veículos e pessoas continuavam a passar. E, no chão, o vulto escuro do cadáver como se fosse um amontoado de lixo.

O pensamento de fugir prosseguiu a berrar em seus ouvidos ao lado do medo a congelar seus nervos, ossos e músculos.

*Ficar!*

*Fugir!*

A assustadora situação foi decidida em seguida...

... Porém, não por ele.

Um sussurro arrepiante e melodioso soprou no seu cangote:

— *Matsuuuda!*

O coração do meliante saltou-lhe da boca. A faca escapuliu de seus dedos. Tropeçou e caiu no calçamento, encharcando-se na chuva e no sangue. As calças se rasgaram na altura dos joelhos e tanto estes quanto as mãos se esfolaram. Lágrimas vieram aos olhos e sob o aguaceiro, de imediato diluíram. Apesar da dor, esfregou as orelhas como se quisesse exorcizar aquela voz de seu cérebro. Todavia, a visão dos olhos em brasa dentro das trevas destruiu qualquer ilusão.

O ladrão rastejou para trás até suas costas se encostarem à parede.

— Co-co-como sabe meu nome? — indagou estupidamente.

Numa lentidão de um pesadelo que custava a passar, a criatura emergiu. Havia uma réstia de luz vinda de uma lanterna de papel no *yokocho*. A coisa se deixou banhar pela

tênue claridade. Possuía a palidez de papel de arroz. Apesar da chuva, seu rosto não se molhava. Contudo, estava empapada do sangue de sua vítima. Dos lábios entreabertos, entre a fúria e o divertimento, destacavam-se duas fileiras de dentes aguçados.

Não fosse horrenda o suficiente tal visão, Matsuda reconheceu a fisionomia do monstro.

— Você!

Era o rosto demonizado de uma das mulheres por ele assaltada noites atrás. Ficara marcado em sua memória devido às maçãs salientes e o queixo fino, dando-lhe um formato de coração. Os olhos eram grandes para uma oriental; a expressão, frágil e delicada. Em outra circunstância, tempo e lugar, não teria sido difícil amar alguém assim. Mas tudo fora perdido.

— Que bom que me reconheceu — disse a voz de uma distância infinita. — Sim, sou eu mesma. Me chamo Minami, Keiko Minami. Mas não sei se, agora, me cabe esse nome. Afinal, eu *fui* Keiko Minami, a feliz garota do sul. Até você alterar meu destino...

— E-e-eu... nã-nã-não queria!

A escuridão tornou a tomar conta da criatura, camuflando-a. Os olhos escarlates ressurgiram.

— Após ter me atacado, fui tomada por tamanho medo que em vez de sair do *yokocho*, embrenhei-me ainda mais em suas entranhas e imundície. Em outro ponto, fui novamente assaltada, porém, em vez de dinheiro, roubaram-me a vida e a humanidade. Fui possuída por uma entidade e como ela me transformei... Perdi meu mundo, minha família, meu trabalho. Tudo por sua causa!

— E-e-eu nã-nã...

— Apenas escute!

— *Ha!*

— A princípio, pretendia fazê-lo sofrer mil tormentos para, em seguida, destruí-lo sem misericórdia. Deliciei-me antevendo a sensação de estraçalhar sua carne com meus dentes. Procurei e procurei até encontrá-lo. Fiquei a observar suas atividades; curiosa a princípio, depois, intrigada. Por fim — e a contragosto —, constatei que, no fundo, você é um bom homem. Tem clemência por suas vítimas. Permite que elas fiquem com os documentos, os cartões de crédito. Até, pede perdão. Fiquei frustrada. Não era o que eu esperava. Conforme dizem os estrangeiros, isso azedou o meu leite. Levante-se, Matsuda!

De maneira desajeitada, o homem obedeceu.

A criatura continuou:

— Não é fácil o que vou dizer, portanto, escute.

Sob a fria chuva de outono, os dentes de Matsuda batiam. Deu um desajeitado aceno de cabeça.

A coisa que um dia fora Keiko Minami falou:

— Detesto as pessoas más! Mas você é bom. Decidi dar-lhe uma nova oportunidade. Para tanto, pare de roubar! Inicie uma nova vida, uma vida de bem, e suma dos *yokocho*. Caso contrário, farei o que costumo fazer às pessoas ruins: rasgarei sua boca, despedaçarei seu pescoço e retirarei suas vísceras diante de seus olhos como fiz com aquela mulher. Tome — um pacote foi atirado das sombras para o ladrão. — Para o seu reinício.

Era um envelope pardo cheio de dinheiro, todo manchado de sangue.

Contrariando a advertência da escuridão, Matsuda falou:

— De-de-detesta os maus? Mas você é má. Acabou de matar uma inocente!

A risada que se seguiu deixou o homem petrificado.

Havia amargura, ironia e raiva na voz do inferno:

— Ao contrário de você, não posso evitar de ser aquilo que me tornei. Se eu não me alimentasse, seria ela quem iria matá-lo. A mulher se chamava Kojima. Como sei o nome dela? Assim como sei o seu e não vem ao caso. Há pouco, ela assassinou o patrão e roubou todo o dinheiro que havia em um cofre: esse dinheiro. Há uma arma de fogo ilegal no casaco dela. Ela não teria sido clemente com você. Agora, vá embora!

Matsuda afastou o envelope, repugnado.

— *Okane* maldito!

— Tão maldito quanto a noite na qual me condenou ao suplício eterno. Uma vida honrada ou mil mortes. Faça a escolha que eu não tive!

Trêmulo, o meliante apanhou o pacote. Trôpego e ensopado, seguiu caminho por onde a Srta. Keiko Minami tinha vindo. Passou pelo cadáver, evitando mirá-lo.

A criatura se fundiu a escuridão e, em volta de Matsuda, acrescentou:

— Continuarei por perto para ver se irá se comportar. Serei sua noite, sua sombra, seu sonho ruim. Aquilo que nos uniu, tão cedo não irá nos separar.

A risada ecoou pelo *yokocho*.

A chuva prosseguiu a tamborilar na avenida, nas praças, nas pontes, nas calçadas e durante todo o trajeto de Matsuda até a estação de trem; distante de Tóquio, do *Kabukichō*, dos *yokocho*.

Trêmulo, o homem viu seu sonho se concretizar através de um pesadelo.

Antes do dia raiar, estaria em meio aos arrozais da infância.

Haveria um jeito de despertar?

Talvez fosse melhor não.

Escuridão.

Outono.

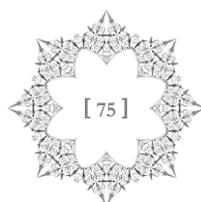
Chuva.

Keiko.

\*\*\*

**NOTA DO AUTOR:**

Cenários inspirados nos vídeos do canal "Baka Gaijin" no *Youtube*.



*Apresentamos o conto*

# **MUDANÇAS**

*Por Samuel Macêdo Vieira de Mello*

**SOBRE O AUTOR: NASCIDO E CRESCIDO EM RECIFE, SAMUEL CRESCERAM NUMA FAMÍLIA DE CLASSE MÉDIA, DESDE PEQUENO SAMUEL DEMONSTRAVA INTERESSE PELO INCOMUM, SEMPRE TORCENDO PELO VILÃO NAS HISTÓRIAS INFANTIS, ESSE INTERESSE COM O TEMPO EVOLUIU NUM AMOR POR CONTOS DE SUSPENSE E HORROR CÓSMICO.**

## FEVEREIRO

### Dia 1

Foi meu primeiro dia na nova escola, faz quase 2 meses que me mudei pra Recife e ainda não me acostumei com minha vida nessa nova cidade. Todos foram bem legais comigo, mas sei que é só por eu ser novato, não parece ter ninguém que goste das mesmas coisas que eu, acho que é mais uma escola em que vou acabar como o cara que senta no canto que ninguém se lembra que existe. Decidi fazer esse diário justamente pra ver se assim não enlouqueço com a solidão, a maioria deles estuda junto desde o jardim de infância, não consigo deixar de me sentir fora de lugar, os próximos anos de ensino médio vão ser um inferno na terra.

### Dia 7

Desculpa ter ficado tanto tempo sem escrever, não senti q teve algo que merecia ser escrito. Há uns 3 dias eu estava ouvindo minha playlist de metal durante o intervalo quando uma menina da minha sala se aproximou e perguntou o que eu estava ouvindo, eu mostrei a ela e descobri que ela também gostava de metal, ela disse que se chama Rebeca, ela é estranhamente feliz e animada, a pesar do estilo gótico dela, ficamos o intervalo inteiro falando das nossas músicas favoritas, desde então todo dia a gente conversa durante o intervalo, talvez o ensino médio acabe não sendo tão ruim.

### Dia 9

Descobri que eu e a Rebeca temos muito mais em comum que eu pensava, temos um gosto muito parecido pra filmes, livros e jogos. Hoje fomos depois da aula ver um filme novo de terror que estava em cartaz, acho que nunca consegui fazer amizade tão rápido assim, eu chego a ficar animado pensando sobre o que vamos conversar amanhã, acho que enquanto eu puder estar ao lado dela posso achar força pra encarar a escola.

### Dia 15

Com as provas se aproximando eu e a Rebeca marcamos de estudar juntos, eu não acredito que isso esteja realmente acontecendo, é a primeira vez que vou receber algum amigo em casa, tenho que garantir que tudo será perfeito, preciso limpar a casa, preparar lanches, e também seria bom separar alguns filmes pra vermos depois de estudar, não quero perder horas escolhendo um, eu nunca estive tão feliz.

### **Dia 20**

Hoje foi o dia, a Rebeca chegou um pouco atrasada, mas não me preocupei, ela trouxe o namorado dela junto, disse que se atrasou justamente porque chamou ele. Achei meio grosseiro convidar alguém sem me avisar primeiro, mas não me incomodei, afinal ele era bom em português e toda ajuda é bem vinda. Depois de estudarmos vimos um filme, e escolhemos por unanimidade assistir “o bebê de rosemary”, felizmente o namorado dela tinha um gosto parecido pra filmes. No fim tudo ocorreu bem, foi uma tarde incrível, mas eu nunca tinha percebido que a Rebeca era tão bonita, o namorado dela tem sorte. Por que me incomoda tanto falar isso?

### **Dia 28**

Deu tudo certo na semana de provas, ou pelo menos pra mim, a Rebeca se saiu mal na maioria, perguntei a ela o que houve e ela me disse que estava abalada porque terminou com o namorado pouco antes das provas, disse que viu ele a traindo com outra, fiz meu melhor pra consolar ela, dei um abraço nela e a deixei chorar o quanto precisasse. Eu sei que ela estava muito mal, mas por algum motivo aquela notícia e aquele abraço, me deixaram muito feliz, isso me faz uma pessoa ruim?

## **MARÇO**

### **Dia10**

Estive refletindo muito sobre os meus sentimento desde a última vez que escrevi, e percebi que eu ~~amo ela~~ definitivamente não amo ela, deve ser só um medo de perder minha amiga, de ser trocado por um namorado, é isso, com certeza é isso. De qualquer forma mesmo que eu amasse ela eu não poderia me confessar, se ela dissesse não, como isso afetaria nossa amizade, eu ainda poderia conversar normalmente com ela? É melhor pra todo mundo que não seja amor.

### **Dia 12**

MALDITO SEJA CORAÇÃO, eu já não disse que isso não é amor, PARA DE FICAR TÃO NERVOSO PERTO DELA! Maldita seja Rebeca, brincando com os sentimentos de alguém

tão inocente quanto eu, sua bruxa, ~~ESPERO QUE APODREÇA NO INFERNO~~ o que estou dizendo? A Rebeca não tem culpa, não posso descontar minha frustração nela assim.

### **Dia 17**

Talvez seja amor mesmo, ~~talvez eu deva me declarar~~ não, não, não, o que eu estou dizendo eu não posso fazer isso, se eu fizer a nossa amizade se acaba, eu só tenho que ignorar esse sentimento até ele sumir.

### **Dia 25**

Para de pensar nela, agora até em meus sonhos estou vendo ela, mesmo se eu me declarasse ela não ficaria comigo, ela merece coisa melhor, talvez ela ficaria melhor sem mim para atrasa-la. Estou agindo tão estranho com ela ultimamente, aposto que ela pensa que eu sou irritante, ela deve falar comigo só por educação, aposto que por dentro ela pensa “aí vem esse esquisito de novo, ele não se toca que é um incômodo?”. Eu devia só me afastar e deixar ela seguir a vida sem mim.

### **Dia 31**

Ela começou a namorar de novo, e está tudo bem, dói um pouco mas ela está mais feliz com ele do que seria comigo. Eu decidi que se ela estiver feliz é o suficiente por mim.

## **ABRIL**

### **Dia 7**

Houve uma coisa estranha hoje, a Rebeca veio pra aula sem os adereços de sempre, ela não estava com a gargantilha, as pulseiras de espinhos, os colares de pentagrama ou a maquiagem gótica de sempre. Eu perguntei o porquê e ela disse que era só porque a coordenação ficava reclamando, me pareceu uma resposta plausível então aceitei, mas não deixo de achar que tem algo muito errado.

### **Dia 16**

Ok, lembra que eu disse que sentia que havia algo errado? Agora tenho certeza quando voltamos do feriado de Páscoa ela parecia outra pessoa, parou de pintar o cabelo de preto e a personalidade mudou totalmente, ela era animada, brincalhona e extrovertida, agora

ela está bem mais calma e recatada. Eu não sei o que houve mas sei que tem algo a ver com esse novo namorado dela. Essa não é a minha Rebeca.

### **Dia 27**

Comecei a stalkear ela nas redes sociais para descobrir mais sobre o namorado dela, ele se chama Tomás e estuda num colégio católico do outro lado da cidade, ele parece o modelo de um estudante ideal, notas altas, atlético, gentil com todos, mas ele não me engana, tem algo maligno sobre ele, e eu vou descobrir o que é, ninguém é tão perfeito assim.

## **MAIO**

### **Dia 13**

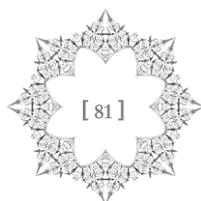
Depois de muita pesquisa descobri que aparentemente nos anos 90 houve uma certa seita satânica que estava ativa por aquela área, aparentemente o principal objetivo deles era trazer o anticristo à terra, eles diziam que precisavam de uma mulher pura pra isso. Agora eu tenho certeza ele mudou a Rebeca pra ela se tornar uma mulher capaz de dar a luz ao anticristo, ele a fez se juntar a seita, eu não posso acreditar, eu tenho que fazer algo.

### **Dia 14**

Não há mais tempo, eu vi em meu sonho, ela já está carregando o anticristo no ventre, eu vi em meu sonho, ela estava nua num altar e várias figuras encapuzadas ao redor dela, eles começaram a entoar um cântico e de um canto mal iluminado da sala veio caminhando de maneira desengonçada uma criatura que só podia ser o próprio demônio, ele tinha mais de dois metros e meio, o corpo sem nenhum pelo, cascos no lugar dos pés, braços desproporcionalmente longos e finos com apenas 3 dedos em cada mão, ele não possuía pele, sua carne era podre e congelada e havia diversas bolhas de pus pelo seu corpo. A aparência e o cheiro eram repugnantes e me dava ânsia de vômito, mas eu não conseguia desviar o olhar, eu fui obrigado a ver ele engravidando aquela mulher, eu tenho certeza que isso foi uma revelação divina, foi Deus me dizendo que eu devo acabar com isso.

### **Dia 31**

Eu consegui, precisei de muito preparo e refazer o plano diversas vezes mas finalmente consegui matar o Tomás e aquela mulher, ela ainda teve a ousadia de implorar misericórdia e chorar de medo usando a voz e o rosto da minha Rebeca, mas agora tudo acabou, o mundo está salvo e só pra ter certeza de que o anticristo morreu mesmo eu cremei o corpo deles num velho incinerador que tinha no colégio do Tomás. Por hora eu estou seguro, mas eu sei que alguma hora a polícia vai me descobrir, engraçado não? Eu salvo o mundo mas mesmo assim sou preso. É uma pena que as coisas tenham chagado a esse ponto, me pergunto se caso eu tivesse feito algo diferente isso poderia ter sido evitado, mas não há mais o que fazer, pois eu tenho certeza de que aquela não era mais a minha Rebeca.



CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**VISITE:** [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**CURTA:** [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

**SIGA:** [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

**E-MAIL:** [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**